



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DAS ARTES – ICA
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA – ETDUFPA
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

FLÁVIA DE JESUS DOS SANTOS DE LIMA

TRAJE MIRIM:

**Reflexões do processo de criação dos trajes da temática Lendas Amazônicas
na Quadrilha Roceiros da Colônia do Município de Marituba / PA.**

BELÉM – PA

2019



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DAS ARTES – ICA
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA – ETDUFPA
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

FLÁVIA DE JESUS DOS SANTOS DE LIMA

TRAJE MIRIM:

**Reflexões do processo de criação dos trajes da temática Lendas Amazônicas
na Quadrilha Roceiros da Colônia do Município de Marituba / PA.**

Monografia apresentada à Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado no Curso de Licenciatura em Dança.

Orientadora: Prof^ª Dr^a Mayrla Andrade Ferreira

BELÉM-PA

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Central/UFPA-Belém-PA**

L732t

Lima, Flávia de Jesus dos Santos de

Traje Mirim: reflexões do processo de criação dos trajes da temática Lendas Amazônicas na Quadrilha Roceiros da Colônia do Município de Marituba / PA / Flávia de Jesus dos Santos de Lima -- 2019.

Orientadora Prof^{fa} Dr^a Mayrla Andrade Ferreira.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de Licenciatura em Dança, Belém, 2019.

1. Danças folclóricas brasileiras. 2. Festas juninas – trajes – processo criativo. 3. Dança – aspectos culturais. I. Título.

CDD - 23. ed. 793.3198115

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA



ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

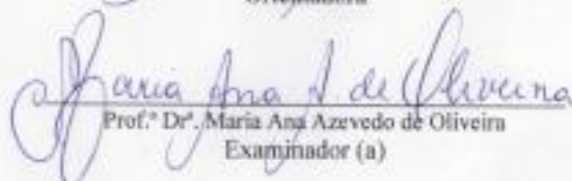
Ao vigésimo primeiro dia do mês de Junho do ano de dois mil e dezenove, às dez horas, reuniu-se no Auditório desta ETDUFPA, a Banca Examinadora composta pelos professores: Prof.^a Dr.^a Mayrla Andrade Ferreira (orientadora e presidente) e Prof.^a Dr.^a Maria Ana Azevedo de Oliveira (examinadora), para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria da aluna **FLAVIA DE JESUS DOS SANTOS DE LIMA**, intitulado: *TRAJE MIRIM: Reflexões do processo de criação dos trajes da temática Lendas Amazônicas na Quadrilha Roceiros da Colônia do Município de Marituba/PA*. Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:

O trabalho foi APROVADO com conceito EXCELENTE
com as seguintes observações: Segun todas as orientações
indicadas pela banca examinadora

e após constar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada, foi assinada pelo presidente e demais membros da banca examinadora.

Belém, 21 de Junho de 2019.


Prof.^a Dr.^a Mayrla Andrade Ferreira
Orientadora


Prof.^a Dr.^a Maria Ana Azevedo de Oliveira
Examinador (a)

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura Flávia de Jesus dos Santos de Lima

Flávia de Jesus dos Santos de Lima

Local e Data: 12 de Agosto de 2019

A minha família e amigos, pelos ensinamentos e aprendizados importantes em minha formação, autonomia e decisão de seguir o caminho da dança.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me permitir concluir esta caminhada acadêmica e não me deixar desistir;

A minha mãe Nazaré Santos, por acreditar sempre em meu potencial, apoiando sempre as minhas escolhas;

A minha irmã Fernanda Santos que sempre esteve direta e indiretamente em minha formação de vida;

À memória de minha avó Maria Lemos, que em vida se mostrava orgulhosa de minha arte de desenhar, por seus ensinamentos importantes em meu crescimento, gratidão por ter feito parte de minha vida;

Ao meu noivo Aldino Vilhena, por suas grandes e generosas contribuições, por me encorajar e ter confiança em mim;

Aos meus felinos Rita Pepita e Bebezinho que fazem parte de minha família e me ensinam todos os dias sobre amor e respeito aos animais;

Aos grandes amigos Paula Santos e Carlos Monteiro, importantes companheiros de experiências e estudos em dança, grata por me incentivarem quando já me encontrava esgotada;

À grande amiga Andrea Maciel, por sempre me estender sua mão, inclusive na construção deste trabalho;

Ao grande amigo Fernando Nunes, por todas as contribuições enquanto estivemos perto um do outro e por ser colaborador nesta pesquisa;

Ao meu grande amigo Clebson Amorim pela troca de conhecimentos, apoio e energias positivas.

À Rose Borges pelo reencontro e sua grande contribuição nesta pesquisa com referências e apoio na digitação;

A minha orientadora Dr^a Mayrla Andrade, por compartilhar tantos aprendizados importantes durante o curso e pelo apoio / força nesta conclusão de curso;

À professora Dr^a Maria Ana Azevedo, pelas grandes contribuições dadas durante o curso, inclusive na descoberta desta pesquisa;

A todos os professores do curso pelos ensinamentos e aprendizados compartilhados;

A todos da família Roceiros da Colônia, em especial Lena Vânia, Cláudio Nunes, Carolayne Silva e Max Jhonny, grandes protagonistas desta pesquisa.

O imaginário do artista é composto de suas imagens internas, imbuídas de sua afetividade e história de vida.

(LOBO; NAVAS, 2003, p.185)

RESUMO

O processo de criação dos trajes da quadrilha junina mirim Roceiros da Colônia, de Marituba-PA, especificamente a temática Lendas Amazônicas, apresentada no ano de 2014, está intimamente ligada a minha prática de desenhar, motivo pelo qual fui solicitada pela quadrilha a fim de suprir a necessidade de criar modelos de roupas juninas para vestir o grupo, prática que alavancou meu crescimento enquanto artista, além do estreitamento de relações com as pessoas que fazem a quadrilha Roceiros da Colônia acontecer. O objetivo geral consiste em refletir sobre o processo de criação dos trajes elaborados, que se iniciam *a priori* no desenho, onde evidencia o grupo junino como referência para mostrar os bastidores dessa construção de trajes. Essa é uma pesquisa de campo etnográfica que aborda informações / conhecimentos a respeito da preparação dos trajes da quadrilha, enriquecido dos registros de desenhos, imagens, depoimentos de experiências dos quadrilheiros envolvidos, que vivenciam a cultura popular junina, além de expor o trabalho do artista desenhista em relação à importância do desenho e do traje para a manifestação junina como complemento do personagem caipira ao tema proposto. As referências principais desta pesquisa são: Angrosino (2009), Lakatos e Marconi (2007) sobre método etnográfico, Bião (2007) e Cascudo (1998) sobre cultura popular, Muniz (2004), Souza e Ferraz (2013), Abling e Maggio (2014) sobre figurino / traje, Harrison (1994) sobre a linguagem do desenho, Leal (2011), Bregolato (2007) sobre o contexto da quadrilha, Brikman (1989), Neves (2008), Lobo e Navas (2003) sobre corpo.

Palavras-chave: Quadrilha. Desenho. Cultura. Traje junino.

ABSTRACT

The process of creating the costumes of the junior quadrille Roceiros da Colônia, from Marituba-PA, specifically the theme Amazon Legends, presented in 2014, is closely linked to my practice of drawing, which is why I was asked by the gang in order to meeting the need to create models of June clothes to dress the group, a practice that leveraged my growth as an artist, as well as closer relationships with the people who make the Roceiros da Colônia gang happen. The general objective is to reflect on the process of creation of elaborate costumes, which begin a priori in the design, which shows the Junino group as a reference to show the backstage of this construction of costumes. This is an ethnographic field research that addresses information / knowledge about the preparation of gang costumes, enriched by the drawing records, images, testimonials of the experiences of the gangs involved, who experience the popular culture of June, and exposes the artist's work. designer in relation to the importance of drawing and costume for the June manifestation as a complement of the rustic character to the proposed theme. The main references of this research are: Angrosino (2009), Lakatos and Marconi (2007) on ethnographic method, Bião (2007) and Cascudo (1998) on popular culture, Muniz (2004), Souza and Ferraz (2013), Abling and Maggio (2014) on costume design, Harrison (1994) on the language of drawing, Leal (2011), Bregolato (2007) on the context of the gang, Brikman (1989), Neves (2008), Lobo and Navas (2003) on body.

Keywords: Gang. Drawing. Culture. June costume.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Traje da misse simpatia.....	33
FIGURA 2: Traje da misse mulata a índia que se transformava em cobra.....	34
FIGURA 3: Foto dos trajes damas e cavalheiros.....	35
FIGURA 4: Traje do marcador.....	35
FIGURA 5: Trajes do tema todas as culturas em uma só festa.....	37
FIGURA 6: Trajes do tema brincadeiras de São João Mínimo.....	39
FIGURA 7: Trajes do tema Pará de ritmos e cores.....	41
FIGURA 8: Trajes do tema maracatu.....	43
FIGURA 9: Trajes do tema lendas amazônicas.....	47
FIGURA 10: O traje da misse mulata.....	49
FIGURA 11: Uirapuru.....	51

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
1.1 A trajetória pessoal da artista brincante.....	14
1.2 A importância do traje na quadrilha.....	17
1.3 O caminho da pesquisa.....	20
2. ROCEIROS DA COLÔNIA: Uma quadrilha mirim.....	23
2.1 Histórico.....	23
2.1.1 A voz dos fundadores.....	25
2.2 O processo de pesquisa do traje da quadrilha mirim Roceiros da Colônia.....	26
2.3 A linguagem do desenho como elemento colaborador para a manifestação junina...	29
3. PROCESSOS DE CRIAÇÃO DA QUADRILHA ROCEIROS DA COLÔNIA.....	33
3.1 Temas da quadrilha Roceiros da Colônia.....	33
3.1.1 Essências do Pará (2007).....	33
3.1.2 As maravilhas do Marajó (2008).....	34
3.1.3 Todas as culturas em uma só festa (2010).....	35
3.1.4 Brincadeiras de São João minino (2011).....	38
3.1.5 Pará de ritmos e cores (2012).....	40
3.1.6 Maracatu (2015).....	42
3.2 A importância dos croquis para os fundadores da quadrilha.....	44
4. O PROCESSO DOS TRAJES “LENDAS AMAZÔNICAS”	45
4.1 O tema nos detalhes.....	45
4.2 O traje da misse mulata.....	48
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS.....	56

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se debruça em reflexões sobre o processo de criação dos trajes da quadrilha junina mirim Roceiros da Colônia, de Marituba-PA, especificamente na temática Lendas Amazônicas, apresentado no ano de 2014, além da exibição de desenhos de trajes referentes aos temas trazidos anteriormente pela quadrilha mirim. A criação destes trajes está intimamente ligada à minha prática de desenhar a qual foi solicitada pela quadrilha a fim de suprir a necessidade de criar modelos de roupas juninas para vestir o grupo, alavancando assim meu crescimento enquanto artista, onde através desta experiência houve um estreitamento de relações com as pessoas que fazem a quadrilha Roceiros da Colônia acontecer, especialmente os fundadores Lena Vânia¹ e Cláudio Nunes².

Compreendo a quadrilha³ como um exemplo de manifestação cultural onde o traje possui o mesmo valor do figurino cênico, por andar de mãos dadas com a dança, teatro e cenografia, muito presentes na dança da quadrilha. Assim descrevo, em detalhes, essa produção de croquis⁴ de forma técnica e reflexiva, me utilizando de depoimentos das experiências de brincantes e quadrilheiros como grandes colaboradores desta pesquisa acadêmica, para a valorização do traje junino no cenário artístico.

O traje se refere a roupas em geral ou estilo distintivo das roupas de um povo, classe ou período, sendo nas práticas artísticas ressignificado e possui a função de caracterizar o personagem no espetáculo. Na quadrilha junina especificamente o traje evidencia tanto a leitura do personagem caipira quanto ao tema que a quadrilha traz no período junino, em um processo de elaboração a qual surge no desenho, elemento importante para a visualização e confecção dos trajes.

Perante a necessidade de refletir, compreender e dialogar sobre processo dos trajes da Quadrilha Roceiros da Colônia, a pergunta norteadora de meu objeto de pesquisa se define: Como se dá o processo de criação dos trajes “Lendas Amazônicas” na Quadrilha Junina Mirim Roceiros da Colônia? Em especial, o traje da miss mulata?

¹ACS (Agente comunitária de saúde) do município de Marituba.

² Condutor de Ambulância da unidade de saúde Urgência e Emergência do município de Marituba.

³ A quadrilha foi uma dança de salão originária da França, que ao chegar no Brasil ganhou popularidade e características próprias nas cinco regiões do país, além de outras denominações, como a Q. Caipira que surgiu na região Sudeste entre São Paulo e Minas Gerais. No Pará é chamada de Roceira e é considerada a tradicional. (LEAL, 2011, p. 63).

⁴ Desenho de moda ou um esboço qualquer. (Disponível em: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Croquis>).

As questões estão diretamente ligadas a minha história de vida em relação à quadrilha junina pela circunstância de iniciar na dança como brincante de quadrilha junina, fator determinante em minha escolha de seguir na área da dança. Seguido do domínio da técnica do desenho, especificamente da criação de trajes juninos, onde estrutura-se através dos traços em uma folha de papel o corpo humano estilizado e neste sentido a presença do desenhista é muito importante e solicitada pelos quadrilheiros para a visualização das ideias de trajes.

Nesse sentido, a Quadrilha junina Roceiros da Colônia é o grupo que proporcionou minha primeira experiência de criar os seus trajes e traz a compreensão sobre o valor da vestimenta junina a partir do processo de desenhá-las. Meus desenhos se tornaram aliados de minha dança por conta de haver dançado quadrilha alguns anos atrás e obter o conhecimento das estruturas das roupas de quadrilha junina. Deste modo a quadrilha Roceiros da Colônia torna-se o lócus de atuação de campo, uma vez que é o lugar onde obtive mais autonomia de minha prática de desenho, do objeto de minha pesquisa que se apresenta no traje.

Portanto, esta pesquisa tem como objetivo geral refletir sobre o processo de criação dos trajes elaborados na temática “Lendas Amazônicas” na quadrilha junina Roceiros da Colônia no ano de 2014, utilizando este grupo junino como referência para mostrar seus bastidores na construção dos trajes. Os objetivos específicos são: descrever o contexto histórico da quadrilha mirim Roceiros da Colônia; analisar a produção dos trajes, dos desenhos à confecção; compreender através de fotos e depoimentos a construção dos desenhos de trajes juninos; reconhecer a quadrilha junina Roceiros da Colônia como lugar de aprendizados.

De acordo com que já foi citado, a presente pesquisa destaca e valoriza a cultura popular junina através da história de vida deste grupo/ comunidade e contribui também para o campo específico da dança em nosso estado. Além de apontar a quadrilha junina como manifestação cultural importante, especificando o quesito traje, como forma de mostrar o seu valor cênico, destacando também o trabalho do desenhista figurinista, no qual me proponho neste trabalho, compartilhar minhas construções e contribuições feitas exclusivamente para a quadrilha junina Roceiros da Colônia.

O método utilizado nesta pesquisa é a pesquisa de campo etnográfica que consiste em obter informações / conhecimentos históricos gerais e específicos sobre os trajes mirins da quadrilha Roceiros da Colônia, – que conforme Lakatos e Marconi “está voltado para o estudo

de indivíduos, grupos, comunidades, instituições e outros campos, visando a compreensão de vários aspectos da sociedade (LAKATOS; MARCONI, 2007, p.86)."

Utilizamos como instrumento de pesquisa a entrevista aberta com perguntas informais, que surgiam no diálogo com os envolvidos, participantes desta pesquisa, a saber: Lena Vânia e Cláudio Nunes (diretores), Fernando Nunes (colaborador) e Carolayne (miss mulata), dentro do contexto de observação participante onde "[...] os membros da comunidade estudada concordam com a presença do pesquisador entre eles como um vizinho e um amigo que também é, casualmente, um pesquisador (ANGROSINO, 2009, p. 33)", assim é confirmado a relação muito próxima dos participantes da quadrilha comigo pesquisadora, desta forma a pesquisa etnográfica "é personalizada, conduzido por pesquisadores que, no dia a dia, estão face a face com as pessoas que estão estudando e que, assim, são tanto participantes quanto observadores das vidas em estudo" (ANGROSINO, 2009, p.31).

O registro de desenhos e imagens também serviram como coleta de dados e aprofundamento memorial da pesquisa pois testificam trabalhos produzidos da quadrilha e para a quadrilha, ou seja, as crianças vestidas com os trajes respectivamente representados nos desenhos de trajes.

1.1 A trajetória pessoal da artista brincante⁵

Ao descrever minha trajetória neste início de escrita, revelo os caminhos por onde segui até chegar ao conhecimento da quadrilha mirim Roceiros da Colônia, principal foco desta pesquisa, além de citar sobre outros lugares responsáveis por este aprendizado que acompanha minha vida como o Curro Velho e Casa da Linguagem, o curso técnico de intérprete criador de dança da UFPA e posteriormente ao curso de licenciatura plena em dança da UFPA.

Esta minha trajetória artística inicia-se no ano de 2005, mais precisamente no mês de março onde conheci um universo dançante através da quadrilha junina Estrela Cadente. Nesta época, aos dezenove anos de idade fazia consultas mensais com a dermatologista no Centro Dermatológico Doutor Marcelo Cândia, no bairro da Colônia. A presidente da Quadrilha Estrela Cadente se chama Diolena Sarmiento e mora até os dias de hoje em frente a

⁵ Brincante é aquele que brinca (ex.: quanto maior o número de brincantes, melhor a brincadeira), participante de brincadeiras, folias tradicionais, folclóricas ou populares. (Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/brincante>).

este centro dermatológico, além de ser colega de minha mãe (no passado as duas eram professoras de escola pública).

Era comum as tardes ao sair de minha consulta acompanhada de minha mãe, visitar Diolena até a mesma comentar sobre o trabalho social que desenvolvia com jovens, brincantes de sua quadrilha que ensaiavam para a quadra junina em seu próprio espaço (quintal de sua casa). Assim Diolena convidou minha irmã e eu para participar de seu grupo junino, mais tarde comparecendo em minha casa para pedir permissão ao meu pai. Após a aceitação nos tornamos brincantes da quadrilha junina Estrela Cadente e todas as noites aconteciam os ensaios de quadrilha moderna⁶ onde, de acordo com Leal ‘iniciava com a dança da quadrilha, parava para apresentar as danças de acordo com a temática, parava novamente e retornava à quadrilha para se despedir’ (LEAL, 2011, p. 54).

O início desta jornada dançante mostrou-se uma aventura fascinante pelos momentos de aprendizado dos movimentos, interação e reencontro com alguns colegas de escola, também brincantes da quadrilha, assim como a dificuldade também se mostrava ali em momentos de mudanças espaciais das coreografias que eram muitas a aprender e memorizar de cada passo neste primeiro contato com a dança, totalizando vinte minutos de coreografia, tempo exclusivo para os concursos de Belém e região metropolitana. Ao passar desta fase de aprender coreografias, o momento era de aperfeiçoamento da dança através da repetição dos movimentos em uma busca incansável da sincronização do grupo.

Neste ano de 2005 a quadrilha Estrela Cadente realizou um concurso seletivo das misses caipira, mulata cheirosa e simpatia da quadrilha. As brincantes candidatas deveriam montar sua própria coreografia e apresentar para a mesa de jurados composta por três componentes da direção da quadrilha. A candidata com maior pontuação era a miss caipira, o segundo lugar para a mulata cheirosa e terceiro lugar para a miss simpatia.

Desde o início já desejava participar deste concurso de misses, me propus a viver a experiência e para minha surpresa alcancei a maior pontuação e me tornei a miss caipira roceira da quadrilha Estrela Cadente, do ano de 2005. Após a apuração quatro misses foram escolhidas: miss simpatia (Mariana), miss mulata cheirosa (Karina) e duas misses caipira (Sheila Neves e eu pesquisadora). O motivo de existir duas misses caipiras se deve ao fato da quadrilha obter seu formato moderno, com danças de temática, por este motivo uma miss caipira representava a quadrilha roceira e a outra miss caipira representava a quadrilha em seu formato moderno.

⁶ A quadrilha moderna apresentava as suítes de dança no meio da evolução coreográfica da quadrilha. (LEAL, 2011, p. 57).

A quadrilha trouxe a temática sobre Belém intitulado “Belém dos Encantos”, as danças inseridas entre a quadrilha roceira retratavam a cultura paraense como: o passeio dos namorados nas praças de Belém (coreografia inicial), a feira do ver - o - peso, a cobra grande, o Círio de Nazaré, o xote e os ritmos paraenses brega e carimbó. Estas foram as coreografias trabalhadas, além da construção de trajes, músicas, acessórios e coreografias das misses após o concurso.

Ao chegar no mês de junho a quadrilha Estrela Cadente era muito elogiada por seu trabalho coreográfico, ganhou em muitos concursos em Marituba e alguns interiores devido ao forte tema retratar Belém e refletir neste espetáculo o nosso orgulho de ser paraenses. Ao fim da quadra junina sentia-me agradecida por vivenciar os meses de preparo de dança até a quadra junina, mal sabia que ali era apenas o início de uma vida artística.

Após o término da quadra junina, o coreógrafo da quadrilha moderna convocou alguns brincantes para formar um grupo de dança, mais tarde tornando-se uma companhia de dança, onde minha irmã e eu nos fizemos presentes pela grande vontade de continuar a dançar. Neste momento da companhia de dança formada havia aulas de dança moderna, dança contemporânea e algumas aulas de ballet. O grupo se apresentava bastante em eventos do próprio município de Marituba e nos festivais de dança de Belém.

Neste período também iniciei os cursos de desenho na Casa da Linguagem e Fundação Curro Velho, em Belém / PA, nas oficinas de desenho: Iniciação de desenho, desenho da figura humana, atelier de desenho e outras oficinas também indutoras em meu crescimento artístico, todas me somaram conhecimentos, aos poucos esses aprendizados se entrelaçavam e se evidenciavam cada vez mais em trabalhos que realizava, então percebi a importância e contribuição de tudo isto para meu currículo artístico.

A participação como brincante na quadrilha junina Estrela Cadente durou até o ano de 2010, com uma pausa em 2007, ou seja, ano que decidimos não participar da dança por motivos financeiros, ao mesmo tempo de realização dos primeiros croquis de trajes juninos de uma quadrilha mirim chamada Roceiros da Colônia, em seu primeiro ano de estréia. No entanto, talvez seja uma curiosidade de poucos a pergunta como aprendi a desenhar?

Uma vez ao obter o domínio de desenhar pela prática empírica, considerava-me que muito havia para aprender ainda naquele percurso de tempo, ano de 2005. Período de ensaios noturnos, enquanto os brincantes chegavam, Max Jhonny, também coreógrafo e eu pesquisadora, trocamos muitos conhecimentos sobre trajes de quadrilha nesta época, de forma que eu desenhava o corpo humano no papel e Max me auxiliava em uma ideia de traje, explicava como era o efeito da saia, arranjo de cabeça, calçados e outros elementos e eu

rabiscava o que compreendia, de uma forma bem detalhada. Este início marca meu primeiro contato com croqui de trajes juninos e com a dança da quadrilha.

Ao observar esta trajetória de vida compreendo que o aprendizado foi contínuo ao conhecer a linguagem da quadrilha em seu período de tempo seguidamente da participação de um grupo de dança formado por alguns brincantes e direcionado pelo coreógrafo da quadrilha Estrela Cadente e ao fazer cursos de desenhos por puro prazer que me alavancaram conhecimentos valiosos, além de conhecer pessoas que me apontaram caminhos para chegar ao curso técnico em dança da UFPA.

A atuação na arte já estava enraizada e tudo o que posteriormente faria em termos de estudos e trabalhos seriam dentro do campo artístico. Mais tarde tornei-me professora de dança em um projeto próximo a minha casa, após concluir o curso técnico e tempos depois resolvi estudar para o vestibular de licenciatura em dança, por já atuar na área.

1.2 A importância do traje na quadrilha

É importante compreender a caracterização do personagem caipira, que se constitui através do figurino, como pontuam Souza e Ferraz:

[...] pode-se compreender como traje de cena, uma vez que sua composição pode-se dar com roupas e acessórios do cotidiano ou vestimentas produzidas especificamente para personagens [...] sempre considerando todas as possibilidades e limitações de orçamento financeiro disponível (SOUZA; FERRAZ, 2013, p. 23).

Neste ponto de vista os trajes da quadrilha mirim Roceiros da Colônia são considerados figurinos, visto que provém de uma série de estudos de determinadas temáticas para serem desenvolvidos, são elementos indispensável no espetáculo junino.

Antes de uma estréia / apresentação da quadrilha consideramos a construção do traje / figurino como última etapa do processo junino, pelo fato das outras linguagens como a dança e acessórios de cena se concluírem primeiro. Desta forma é bem comum às vésperas da estréia a intensificação da confecção dos trajes.

Outro ponto relevante diz respeito a costureira adequada responsável por confeccionar os trajes de acordo com a proposta do croqui, a qual deve se atentar às medidas minuciosas dos brincantes. É importante que a costureira seja experiente em costurar roupas de quadrilha, que saiba manusear rendas, bordados e fitas, tecidos e medidas para que o traje

finalizado obtenha a medida certa de cada corpo, pois não são todas as costureiras que sabem costurar trajes de quadrilha com as medidas corretas.

A construção de trajes se mostrou intenso e ganhou significado na infância, ao rabiscar os primeiros modelos de vestidos observados de uma novela, na folha do caderno escolar. Mais tarde buscava desenhar as roupas vestidas em corpos, rabiscava apenas pescoço, tronco, metade das pernas e braços. Aos poucos procurei observar as curvas do corpo humano e desenhava bem devagar em busca de aperfeiçoar essas linhas.

Era bem comum explorar revistas e jornais pequenos a procura de modelos de roupas para desenhar por conta desta afinidade, por sinal muito afetuosa com a arte de desenhar. Encantava-me os olhos encontrar matérias sobre estilistas porque me deparava com fotos de croquis destes que trabalhavam em lojas ou com desfiles, me fascinava a delicadeza das linhas se tornando um desejo para mim fazer igual. Enquanto criança aos poucos percebia a relação do desenho da roupa com o vestuário confeccionado/ pronta para usar seja em festa, apresentações ou desfile.

À medida que o tempo passava, após fazer cursos de desenho, aprender e compreender técnicas, conhecer a área da dança, conseqüentemente surgiram algumas demandas para desenhar figurinos de ballet, para eventos de aniversários, de dança gospel, de bandas de escola e outras vestimentas. A partir desses trabalhos aos poucos percebi o quanto essas duas linguagens caminhavam juntas, ganhando proporções de uma maneira natural e muito peculiar por serem atividades nas quais me identifico enquanto artista e o quanto ofereci minha disposição e dedicação a estas áreas.

Ao analisar este percurso é notável para mim pesquisadora deste tema o quanto adquirir conhecimentos em decorrência do aprendizado de cada uma dessas áreas artísticas. Esta pesquisa revela através da quadrilha mirim Roceiros da Colônia que para dançar quadrilha junina é necessário pensar em um figurino / traje e o desenho é base para visualização de ideias, que por sua vez, ao estar pronto para a estréia se complementa com uma boa maquiagem, para finalmente entrar em cena, portanto:

O corpo aprende e transmite a percepção do homem sobre suas circunstâncias, percepção, história, lugares, não lugares e entre lugares da sua existência no universo. Comunica dimensões do sensorial, do cognitivo, do real e do imaginário de cada um, configurando seus diferentes níveis de relações (BIÃO, 2007, p. 175).

Logo expor estas minhas experiências de desenhista é afirmar que adquirir autonomia diante de tantas práticas que foram verdadeiros estágios, mais especificamente ao

concretizar as roupas juninas, desenhar e colar arabescos com materiais de E.V.A.⁷, colar pedrarias, flores e detalhes de acabamento, requerem atenção cuidadosa para a qualidade da confecção, assim:

[...] o trabalho da confecção dos trajes destinados a manifestação da cultura popular proporciona um exercício prático que gera habilidade em produção de vestuário para a cena, conhecimento útil para o trabalho em cena realizado em outros contextos, mas que busca aspectos em comum tais como durabilidade, conforto, ergonomia e formas de conservação. Além disso, esta atividade implanta nos artesãos envolvidos na confecção a preocupação com a questão do corpo que veste o traje em cena, levando a reflexão acerca da visualidade do espetáculo. (Ribeiro, 2010 apud TEIXEIRA; CHAGAS, 2013, p. 11-12)

A ação de ser solicitada para preparar croquis juninos da quadrilha junina mirim Roceiros da Colônia proporcionou proximidade com os fundadores, justamente para que ambos conheçam suas formas de trabalho, através de conversas, de encontros para assistir ensaios que servem como coleta de dados para criar os trajes, além de considerar um aprendizado via mão dupla, ou seja, para mim pela experiência agregada e para os fundadores por seguirem as recomendações importantes da desenhista em relação aos croquis, como salienta Souza e Ferraz:

Todas as atividades criadas, produzidas e desenvolvidas dentro de alguma área reconhecida como arte. Ex: teatro, dança, circo, ópera, cinema, pintura... Possuem suas necessidades, conhecimentos, técnicas específicas e modos de fazer acontecer que as constituem como arte. Por isso para o figurinista, se faz importante conhecer cada área ou buscar o apoio de profissionais de cada meio. E a produção artística se dá no interior da (s) cultura (s) (SOUZA; FERRAZ, 2013, p. 40).

Devido a experiência de atuar como figurinista neste lugar onde acontece a quadrilha Roceiros da Colônia, conseqüentemente surgiram outros trajes de outras quadrilhas para desenhar, em escolas onde trabalhei, nos treinos e ensaios vivenciados, em qual ambiente artístico estivesse atuando ou não, havia sempre um ou vários croquis para desenhar dependendo da disponibilidade de tempo dos momentos que me encontrava.

⁷ Acetato-vinilo de etileno, espuma emborrachada de diversas cores e espessuras muito utilizadas em artesanato, material escolar, produtos infantis e confecção de esteiras. (Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/espuma_vin%C3%ADlica_acetinada).

1.3 O caminho da pesquisa

Quando proponho explicar aqui sobre o caminho desta pesquisa, busco fazê-la em dois entendimentos a partir de meu ponto de vista. O primeiro visualiza o trajeto dos acontecimentos que me levaram ao conhecimento da quadrilha Roceiros da Colônia e o segundo entendimento diz respeito, após a ocasião de conhecer a quadrilha mirim, à forma que utilizei para teorizar quando estava em processo de pesquisa.

Contar a trajetória da quadrilha junina Roceiros da Colônia é ao mesmo tempo contar minha história de vida, porque coincide no aspecto profissional e emocional, pois dançava quadrilha na época da aproximação com o grupo, que por consequência resultou em grandes amizades, devido à fase do convívio, de estar ali semanalmente colhendo informações para fazer os trajes.

Assim como a dança, o desenho é uma atividade bem forte e presente, onde os dois caminham juntos em meu corpo. Quando ingressei no curso técnico em dança, da ETDUFPA (Escola de Teatro e Dança da UFPA) no ano de 2007, sabia o quanto aquele ambiente reunia todas as formas de artes e o quanto se agregam. No entanto a princípio não imaginei que poderia explicar sobre minha prática de desenhar, talvez por não me perceber, me considerava com pouca maturidade na época.

Ao retornar à ETDUFPA para cursar a Licenciatura em Dança, percebi a diferença de direcionamento do curso e após disciplinas e disciplinas, abri meus olhos para a minha prática de desenhar trajes na disciplina de Manifestações Espetaculares II. A partir desta percepção a qual seria uma forma de registrar teoricamente meu fazer artístico dentro da manifestação da quadrilha junina e após vários pensamentos indecisos sobre outras práticas, escolhi falar da quadrilha junina, que a princípio era uma avaliação em formato de artigo.

Durante o processo da pesquisa percebi o quanto era importante registrar cada detalhe e ao finalizar o artigo sentia a sensação de que faltava escrever mais sobre o grupo junino. Após as rotinas de visitas à campo, a construção deste trabalho e a apresentação do artigo em turma me fez compreender que este estudo poderia se intensificar mais academicamente, visto que foi um reencontro de memórias e comigo mesma ao olhar para a minha prática de desenhar.

Acredito que minha experiência dançando quadrilha me trouxe oportunidade de crescimento artístico. O que quero dizer com isto é se não vivesse a experiência de dançar em um terreiro de quadrilha, não conheceria pessoas experientes nesta prática, não encontraria Max Jhonny e tão pouco haveria a oportunidade de aprender a desenhar roupas juninas, em

suas estruturas e detalhes. Diria que foi uma descoberta onde aprendi a dançar e aprofundamento na minha prática de desenho.

Ao fazer parte de um grupo junino é comum conhecer pessoas do mesmo meio, participantes de outros grupos juninos e assim por diante, cada indivíduo possui uma função importante dentro de um grupo de quadrilha junina, assim sendo “Cada pessoa deve ser importante em si mesma. É preciso conhecer seu processo individual e ajudar seu desenvolvimento a partir dela mesma” (BRIKMAN, 1989, p. 15).

Em Marituba, o bairro Dom Aristides, na época em que desenhava os trajes para a quadrilha Roceiros da colônia, concentrava o maior número de quadrilhas juninas, inclusive a quadrilha onde dancei, o grupo junino Estrela Cadente. Em decorrência ao reencontrar Max conseqüentemente algum tempo depois conheci Lena Vânia e a sua quadrilha Roceiros da Colônia.

Tempos depois de fechar o ciclo na quadrilha Estrela Cadente para focar mais nos estudos e trabalhos, ainda continuava a criar os trajes para a quadrilha de Lena, então sentia fazer parte de uma nova família, desta vez não como brincante, mas como profissional, pela confiança dos fundadores em relação ao meu trabalho, ao quais me consideravam como integrante da diretoria da quadrilha em função dos trajes.

Nesse sentido, após apresentação desses aspectos introdutórios que me fazem ter o traje como objeto desta pesquisa que se caracteriza como trabalho de conclusão de curso, apresento a estrutura desta pesquisa que está dividida em quatro sessões, desenvolvidas à campo sobre os trajes da Quadrilha Junina Mirim Roceiros da Colônia:

A segunda seção traz três subseções, importantes para esta abertura do trabalho: a primeira trata sobre a trajetória pessoal da artista brincante; a segunda subseção exponho a importância do traje na quadrilha, de forma geral e específica e a terceira mostro como foi o caminho desta minha pesquisa, ou seja, a trajetória, os caminhos percorridos para chegar ao meu objeto de pesquisa.

A terceira seção apresenta o grupo junino mirim Roceiros da Colônia e sua trajetória a qual fui a campo conferir. Está dividido em três subseções: o primeiro descreve a história do grupo, inclusive uma subseção que mostra o pensamento dos fundadores após entrevista; a segunda subseção retrata o processo de pesquisa dos trajes da quadrilha. A terceira reflete a linguagem do desenho como elemento colaborador para a manifestação junina.

A quarta seção trata sobre os processos de criação da quadrilha Roceiros da Colônia dividida em duas subseções: O primeiro mostra os temas trazidos pela quadrilha em

diálogo com os respectivos desenhos de trajes e a segunda revela através de uma segunda entrevista a importância dos croquis para os fundadores da quadrilha.

A quinta e última seção discorre sobre o processo dos trajes específico do tema “Lendas Amazônicas” dividida em três subseções: a primeira mostra o processo de produção e pesquisa dos croquis referentes a este tema; o segundo se concentra nas amostras dos croquis referentes à temática Lendas Amazônicas e a terceira subseção descreve a produção do traje da miss mulata, trago as palavras da brincante como colaboradora importante para esta pesquisa ao retratar a sua própria experiência de utilizar um traje elaborado exclusivamente para ela. Esta subseção finaliza esta pesquisa e por sinal confirma através das experiências de vida aqui descritas as muitas reflexões sobre o fazer quadrilha, uma atividade corporal para todos aqueles que participam seja dançando ou cuidando dos preparativos seja os trajes, apresentações e outros eventos importantes para erguer recursos para o grupo. Assim pela força das pessoas que fazem acontecer a quadrilha Roceiros da Colônia tem sua importância como manifestação cultural paraense e para o estudo da etnocenologia.

2. ROCEIROS DA COLÔNIA: UMA QUADRILHA MIRIM

2.1 Histórico

A Quadrilha Mirim Roceiros da Colônia foi fundada no dia 30 de março de 2007 por Cláudio Nunes e Lena Vânia, residentes no bairro Dom Aristides mais conhecido como bairro da Colônia, localizado no município de Marituba, região metropolitana de Belém. De acordo com Lena, moradora desde os doze anos de idade no local, relata que o nome “Colônia” se deu porque antigamente residiam no bairro pessoas com Hanseníase (doença infecciosa crônica, caracterizada por insensibilidade da pele, manchas, lesões na mucosa, etc.), é onde se localiza o abrigo João Paulo II, também chamado na época de “Colônia dos Leprosários” e abrigavam somente pessoas com mais seqüelas. Mais tarde, o bairro foi nomeado de Dom Aristides, porém até hoje predomina o nome “Colônia”.

Na época, o Sr Cláudio trabalhava no abrigo João Paulo II, localidade bem próxima de sua casa, em sua caminhada rotineira passara sempre pela Rua Padre Deboá, avista uma criançada brincando e ensaiando quadrilha na frente da casa de um vizinho chamado Pedro, mais conhecido como Pedro de Valsa. O grupo de crianças eram filhos de pessoas hansenianas com idades variantes de dez a doze anos que desejavam a formação de um grupo para dançar quadrilha. Naqueles momentos de brincadeiras e ensaiando passos as próprias crianças decidiram chamá-la de Trem Maluco. Desta forma é notável quando Andrade (2013, p. 19) afirma: “(...) É brincando que a criança constrói conhecimentos da sua cultura e também aprende a desenvolver papéis, pois brincar é construir e reconstruir a realidade partindo do imaginário”.

Por insistência das crianças e o apoio de seu Pedro de Valsa, Cláudio aceitou ensaiar e no dia seguinte iniciou com seu processo coreográfico. A partir desse momento o Sr Cláudio pensara em um nome para este grupo de crianças, que revelasse a identidade do bairro e decidiu chamar a quadrilha de Roceiros da Colônia.

Devido a predominância de quadrilhas adultas no município, o Sr Cláudio viu a oportunidade de criar a quadrilha Roceiros da Colônia para suprir a falta de grupos juninos voltadas para as crianças, uma vez que haviam poucas quadrilhas mirins no município (inclusive a quadrilha Matutos na Roça, na qual seu Cláudio e Lena fizeram parte da diretoria antes da fundação do atual grupo junino).

Nos primeiros meses de ensaio, os fundadores da Quadrilha formaram uma diretoria para melhor organizarem as tarefas e colocarem a mesma na quadra junina. Pedro de Valsa era o padrinho de honra da quadrilha, Valcilene e Marcelo eram os apoios, ou seja, acompanhavam as crianças até suas residências depois dos ensaios, colaboravam nas confecções dos trajes e organizavam o cronograma para apresentações.

Durante alguns anos as danças regionais como o carimbó, o xote e outras eram exibidas junto à quadrilha de modo que iniciava com a quadrilha, pausavam para mostrarem as danças regionais (geralmente até três danças), pausavam novamente para finalizar com a quadrilha. Este formato de apresentação que segundo Leal (2011, p.53) “reconhecido como moderno” se perpetuou até o ano de 2010, tornando-se menos frequentes após esse período, mas seu Cláudio continuou a coreografar desta forma sua quadrilha, pois conta que o motivo das danças regionais estarem inseridas entre a quadrilha se deve à falta de incentivo a grupos folclóricos no município de Marituba e as considera esquecidas. Neste sentido Bião firma:

O que determina toda a ação criadora, por esta perspectiva, é a história de vida do criador, ou sua chama de organização fantasiosa, tornada por estas formulações, em uma possível verdade pessoal. Verdade esta construída nas práticas cotidianas de si mesmo à flor da pele: a pele do outro (GOFFMAN, 1999). O processo criativo, portanto, tem o tamanho da vida, medida da imaginação do criador. (BIÃO, 2007, p. 297)

Em seu processo coreográfico, o fundador se utiliza de passos tradicionais bem simplificados do repertório de movimentos de quadrilha conhecidas como: passeio dos namorados, cumprimentos, túnel, maresia, grande roda e variações, balancê, serrote, caracol entre outros. Com argumento e objetividade, seu Cláudio justifica a preferência pelos passos tradicionais na criação coreográfica como facilitador para os brincantes em sua execução. Assim, para ele os passos mais elaborados e com maior grau de dificuldade devem ser para as quadrilhas adultas.

Portanto, a quadrilha mirim Roceiros da Colônia oferece como meio de comunicação corporal artística e espetacular possibilidades de reflexões sobre o universo das quadrilhas em geral, ao perceber a peculiaridade de cada processo de criação desde a escolha da temática a qual reverbera em outros procedimentos para finalizar o produto, ou seja, o espetáculo, que distribui alegria, vibração e emoção nas quadras juninas.

2.1.1 A voz dos fundadores

Esta subseção é um espaço exclusivo para o casal Lena Vânia e Cláudio Nunes, os fundadores, que falaram sobre a Quadrilha Mirim Roceiros da Colônia em uma oportunidade de entrevista aberta feita no dia 22 de novembro do ano de 2014.

Sr Cláudio Nunes comente sobre o surgimento da Quadrilha Roceiros da Colônia?

Sr. Cláudio: *“A quadrilha surgiu através das crianças né. Tinha um grupo de crianças que ensaiava aqui próximo de casa aqui, aí toda vez que eu vinha do trabalho eles pediam pra mim ensaiar a quadrilha deles. Ai eu passei lá umas três vezes lá, eu falei pra eles que eu ia ensaiar, ia começar a ensaiar a quadrilha deles lá, eles ficaram alegre porque na verdade a quadrilha, o nome da quadrilha lá era Trem Maluco, aí eu abracei essa causa né, juntei os minino lá, que lá na verdade são pessoas carente e muito dificultoso pra até mesmo a gente montar a quadrilha, que no começo sempre é assim, mas ai com luta, com garra, na determinação das crianças a gente conseguiu montar a quadrilha. Na verdade eu troquei o nome que era Trem Maluco pra Roceiros da Colônia, pra valorizar mais porque eles são da Colônia, são filhos de hansenianos, de pessoas assim e surgiu Roceiros da Colônia. Montei, conversei com os minino né, ai surgiu Roceiros da Colônia, ensaiamo, teve um ano que a gente ensaio lá, na verdade viemo pra cá pro terreiro aqui em casa mesmo, que o espaço ainda não era assim, que na verdade tinha uma mangueira que eu mandei tirar pra gente poder ensaiar”.*

Pesquisadora: Qual o motivo de vocês fazerem, colocarem a quadrilha na rua? Vocês já dançaram antes?

Sr Cláudio: *“É na verdade eu era dum grupo folclórico e a Lena era de quadrilha mesmo, na verdade eu só fui dançar quadrilha porque eu montei uma quadrilha a muito tempos atrás que era Roceiros do Tio Cruz, que era uma quadrilha, na verdade era um tapete dançando né, que a gente botava um bocado de... daqueles... retalhos (Lena completa) né e só era seis pares, mas naquele tempo a gente alegrava a Colônia, que não tinha quadrilha mirim aqui dentro da Colônia, nesse espaço, era muito pouca quadrilha, só era quadrilha adulta. Existia duas quadrilha mirim (foi em 98, complementa Lena) que era a Roceiros de Souza Araújo, que hoje em dia é a Explosão Junina e a minha Quadrilha que era Roceiro do Tio Cruz, na verdade nós começamo junto, aí de lá pra cá ainda foi o que, três ano ainda de quadrilha, de Roceiro do Tio Cruz, aí eu parei, aí passou muito tempo eu vim começar aqui no Roceiros da Colônia”.*

Pesquisadora: Que significado tem para vocês a quadrilha?

Sr Cláudio: *“Quadrilha pra mim é tudo porque o mês de São João é um mês bom, o mês de junho na verdade. A gente tem um trabalho que tem de valorizar nossa cultura que ela é muito pouca aqui, no bairro aqui, pois é a gente fez esse trabalho Roceiros da Colônia, foi na verdade, nós ficamos em três vezes em segundo lugar na Praça da Matriz aqui de Marituba e dois ano nós ficamos em primeiro, ano passado e ano retrasado”.*

Lena: *“A quadrilha pra gente acho que tá no sangue, tá no sangue porque a gente tem dois filho também que gosta de quadrilha, começaro a dançar com... o Leno começou com dois ano, ele já dançava na Roceiro da Tio Cruz, ele entrava fazendo os gestos já de quadrilha, ai depois que ele cresceu ele foi pra Matuto né, que é a Quadrilha Mirim Matuto na Roça, dançou um ano na nossa, um ano não, dois ano, três ano na nossa quadrilha Roceiros da Colônia e Carolayne começou também nos Matuto dançando, ai foi que ela passou pra nossa quadrilha, ela começou com seis*

ano de idade, a nossa filha. Aí por isso que acho que tá no sangue assim, é vontade de ver as criança dançar”.

Após observar esta entrevista é perceptível a propriedade na voz dos praticantes da quadrilha porque os mesmos vivenciam o ano inteiro a organização para a quadra junina.

2.2 – O processo de pesquisa do traje da quadrilha mirim roceiros da colônia

O processo de elaboração dos trajes juninos se inicia meses antes das festas juninas quando me disponho a frequentar a residência dos fundadores. Primeiramente por meio de conversas é feita a coleta de informações para a escolha da temática e observações dos ensaios como indutores na execução do desenho. Em seguida já com o tema escolhido e de acordo com as pesquisas busco a melhor forma de distribuir e organizar o tema entre damas, cavalheiros, misses e marcador, é quando Muniz (2004, p.34) ressalta que “o processo de pesquisa é fundamental para que a criação do figurinista seja coerente com a proposta do espetáculo”.

Após a finalização os desenhos são entregues a diretoria e costureira para analisar as variantes de tecidos, rendas, bordados e medições a serem comprados. Com o material em mãos é mobilizada uma equipe para os ajustes dos trajes, pois algumas mães dos brincantes assim como parentes dos fundadores se disponibilizam não só a ajudarem na confecção dos trajes e nos locais de concursos e apresentações da quadrilha. Posteriormente, nesses concursos são analisados pela banca de jurados o acabamento, a concepção estética e fidelidade ao tema proposto pela quadrilha.

No contexto particular da materialização dos croquis, que é o processo de investimento de materiais para a confecção dos trajes da Quadrilha Roceiros da Colônia, é bem comum a substituição de alguns tecidos, rendas ou bordados por outros modelos mais próximos possíveis, pois é comum no momento de compras não encontrarem alguns desses materiais indicados no croqui. Ao me deparar com esta realidade, compreendo que a idealização e materialização de um traje está sujeita a alterações, de acordo com a necessidade e atributos econômicos do Grupo Mirim Roceiros da Colônia.

Assim a função dos trajes na quadrilha é de suma importância para a idealização da festa, pois:

[...] Como dança característica do homem do campo, dos fazendeiros e roceiros que festejam a colheita, os homens e as mulheres se vestem

tipicamente. Eles de chapéus, cinturões e botões, elas com vestidos estampados em flores e babados que mostram na vivacidade de seus trajes brejeiros, a alegria de quem comemora o bom resultado da colheita (BREGOLATO, 2007, p. 118).

Desta forma é possível afirmar que a costureira Dona Raimunda⁸ – mais conhecida como Rai – traz consigo informações que são referenciais de um conhecimento empírico para a criação do traje da Quadrilha Roceiros da Colônia em seu primeiro ano ativo (2007), como elemento facilitador a mesma tem conhecimento vital de texturas, tecidos, rendas, fitas e outros materiais que revelam o traje típico junino.

No ano seguinte, as criações dos trajes foram baseadas na temática “as maravilhas do Marajó”, diferente do ano anterior, pessoas específicas que compreendem as vertentes da elaboração do desenho de trajes juninos mergulham a fundo em pesquisa porque há uma preocupação de retratar a temática por meio do traje confirmando a ideia de reprodução da realidade para a cena e neste sentido Muniz (2004) ressalta:

A importância do figurino e do figurinista para o intérprete é sempre muito grande, na opinião de Nanini, independentemente do veículo no qual (...) se encontra. “Ele vai me dar muitos subsídios: o modo de andar, de sentir, os movimentos. O comportamento da personagem vem um pouco com a roupa que vai usar” (Muniz apud NANINI, 2004, p. 46).

Neste período Max Jhonny⁹(também quadrilheiro) se torna responsável pela elaboração dos trajes e coreografias das misses, me comunicando para traduzir suas ideias para o papel, pois Max rascunhava porém não dominava as técnicas de desenho, em contrapartida tenho habilidades e domínio desta prática, entretanto pouco ou quase nada conhecia sobre os trajes juninos apesar de na época ser praticante de quadrilha . Devido a este momento, foi estabelecida a relação de um nutrir as necessidades do outro transformando em um intenso aprendizado e troca de experiências entre ambos – Durante esses encontros obtive o conhecimento da Quadrilha Roceiros da Colônia e sua abordagem temática que direcionaram a construção do desenho – pois “o tipo de desenho que fizer dependerá do propósito [...]” (HARRISON, 1994, p.13) referente ao tema da quadrilha, modelagem e cores a adicionar.

⁸ Dona Raimunda é costureira aproximadamente há 30 anos, pessoa que confeccionou o primeiro traje da quadrilha Roceiros da Colônia no ano de 2007.

⁹ Sobrinho de Cláudio e Lena, auxiliar administrativo.

No ano de 2010 me tornei responsável pela criação dos trajes da quadrilha, pois Max por motivos de trabalho se mudou para outro estado. A responsabilidade aumentava conforme pesquisava e construía os trajes da temática “Todas as culturas em uma só festa” o qual levariam para as quadras juninas. Assim, os trajes juninos equivalem de modelos diferentes, misturas de cores e volumes.

Os primeiros desenhos foram elaborados de formas bem simples, com poucos detalhes. Com o tempo, ao observar várias apresentações de quadrilha, inclusive como júri, compreendi que o “excesso de materiais” faz parte justamente para causar volume, porém necessitava de muita cautela na construção dos modelos e combinação de cores para evidenciar o efeito visual de passos utilizados na quadrilha. Com base em reflexões como estas, Muniz (2004, p. 72) ressalta que “o figurino é a pele do ator, que passa a ser necessária a partir do momento no qual se revela indispensável”.

Esta primeira experiência de estilista de quadrilha ampliou meus conhecimentos enquanto artista, inclusive na divulgação de meu trabalho que se deu pelo contato com as costureiras (a maioria, fundadoras de outras quadrilhas do bairro Dom Aristides) que passaram pela Quadrilha Roceiros da Colônia, mais tarde utilizando dos meus serviços. Pensando em todo esse procedimento compreendo os grupos de quadrilhas como fortes veículos de divulgação e valorização de ambas as áreas tanto da cultura popular quanto do desenho.

Cada tema proposto pela quadrilha revela um universo próprio de conhecimentos de algumas culturas, através do “processo de pesquisa que é fundamental para que a criação do figurinista seja coerente com a proposta do espetáculo (MUNIZ, 2004, p. 34)”. No entanto, a coleta de informações se baseou em imagens, textos e fotos sobre os temas descritos acima, após análises, seletivas de ideias rascunha-se no papel um breve modelo rápido a fim de que o tema escolhido se encontre, se caracterize no traje idealizado a primeiro momento.

Com tudo o que foi dito até aqui é imprescindível destacar o quanto a inspiração (elemento muito subjetivo) é essencial na criação de um traje junino porque “é um estímulo interno e externo ao pensamento ou a atividade criadora” (XIMENES, 1954, p. 535). Muitos dos trajes da quadrilha mirim Roceiros da Colônia foram resultados de dias inspiradores, assim como alguns não obtiveram um bom rendimento de criatividade em relação a modelagem e cores porque não houve “inspiração” para criar e isto independe das pesquisas realizadas.

Algumas vezes ao estar com o material de pesquisa em mãos não foi possível desenhar um modelo de traje satisfatório para mim, devido considerar-me sem inspiração para fazê-lo, pois entendo que o artista além de pesquisar deve estar bem ao dia, disposto, com o mínimo de preocupação possível, visto que estes fatores interferem no resultado da criação. Simplesmente há dias em que o corpo acorda indisposto para fazer atividades físicas, por exemplo, o mesmo coincide com o artista desenhista quanto há falta de inspiração para criar. Deste modo mostro-lhe o outro lado da arte, a dificuldade de fazê-la, da falta de inspiração que também se estabelece como realidade deste processo artístico, “nada é só flores.”

2.3 A linguagem do desenho como elemento colaborador para a manifestação junina.

A linguagem do desenho é sempre muito importante dentro do universo da quadrilha, devido a sua função de retratar as ideias dos trajes, pois é bem comum os grupos juninos, em especial a Quadrilha Mirim Roceiros da Colônia, solicitarem um desenhista. Na elaboração de um traje junino, por exemplo, o ideal primeiramente é tracejar o corpo humano e em seguida rascunhar o traje sobre este, uma vez que “o desenho tem uma função descritiva: é uma resposta direta ao estímulo visual do que nos cerca” (HARRISON, 1994, p. 8). Ou seja, através de um desenho, croqui de um traje junino da quadrilha mirim Roceiros da Colônia revela-se a ideia de uma vestimenta para um tema a qual a quadrilha propõe trazer para o seguinte ano.

Do rascunho ao acabamento de um croqui é sempre necessário a utilização de alguns materiais, aqui se destacam alguns específicos para um bom desenho como:

- Papel A4 ou papel canson¹⁰
- Lápis – Variações: HB, 2B, 4B, 6B, 8B
- Borracha macia
- Canetas artísticas de nanquim
- Prancheta
- Lápis de cor
- Canetinhas
- Apontador ou estilete

¹⁰Papel para desenho de textura levemente granulada para melhor aderência do lápis. (Disponível em: <https://www.saraiva.com.br/bloco-canson-branco-a4-20-folhas-180-gm2-6487836-html>).

Os materiais citados acima são os quais eu pesquisadora Flávia Lima utilizei na elaboração de trajes da quadrilha mirim Roceiros da Colônia. Além destes, existem outros vastos materiais próprios para outros tipos de desenho como: a tinta nanquim, o carvão (bastão), o pastel, a pena, pinceis, dentre outros.

Quando adentramos no universo da linguagem do desenho sob a perspectiva da figura vestida, é marcante o corpo humano como base para o caimento adequado das vestes. Harrison (1994, p. 48) ressalta que “o estudo da figura humana é um dos elementos mais importante e indispensável dentro da área artística, devido o desenho de seres vivos ser parte importante da educação de qualquer estudante de arte” (HARRISON, 1994, p. 48). Portanto, o estudo da anatomia é indispensável dentro das linguagens artísticas, além da própria área do desenho, como a dança, o teatro, a performance e outros, justificando a necessidade de conhecer as partes anatômicas e compreensão da sua configuração e funcionamento como base para o aprofundamento da qualidade de movimento de uma determinada prática. Segundo Harrison:

A figura humana, seja pintada como retrato, estudo completo, figura vestida ou nu, apresenta um grande desafio ao artista porque esta não é fácil de ser retratada, a interação das formas é complexa e sutil, assim o desenho do nu é uma das melhores maneiras de estudar a figura humana (HARRISON, 1994, p. 184).

Para a construção de um desenho do corpo humano é importante o conhecimento dos modelos de referencias auxiliares do processo de desenho, são as formas básicas da geometria: círculo, triângulo, retângulo, quadrado e pentágono. Com estas formas pode-se rascunhar o corpo primeiramente em posição anatômica para compreender a sua estrutura e medição, como regra geral de sete cabeças e meia, porque “a cabeça é sempre usada como unidade de medição” (HARRISON, 1994, p. 49), para seguidamente estudar o desenho do corpo em outras poses e ângulos. Entretanto cada desenhista tem sua subjetividade, utilizando as formas básicas para desenhar ou rascunhar diretamente o corpo humano.

Um bom desenho se constrói por meio da prática diária, inclusive com uso de leituras e cursos específicos que são estimuladores desta linguagem. Particularmente, retomo as memórias de experiências dos cursos de desenho os quais participei nos anos de 2005 a 2006, na Casa da Linguagem e Fundação Cultural do Estado do Pará / Curro Velho, em Belém do Pará, onde obtive amplo aprendizado das técnicas ao longo deste período e utilizo

desde sempre em minhas obras, sejam os trajes, os figurinos, roupas e retratos. Logo “[...] a figura humana representa o maior dos desafios, tanto no desenho como na pintura”(HAZEL, 1994, p. 48).

Ao observar o saiote junino, por exemplo, é notável a relação de proximidade com o tutu romântico¹¹ utilizado pela bailarina clássica, por sua estrutura volumosa e rodada. Entretanto, em minhas observações enquanto pesquisadora, há uma diferença enorme de peso, estética e função de uma saia para outra, inclusive o gênero de dança em que são utilizadas, uma vez que a saia junina é movimentada regularmente com as mãos das brincantes, enquanto a saia da bailarina possui uma função mais estética conforme a ação do movimento.

Ao analisar um traje junino, são perceptíveis as formas volumosas no saiote e mangas, por exemplo, bem como os detalhes de acabamento distribuídos ao longo da vestimenta. Suas formas se configuram assim devido a herança das roupas de corte européia: anáguas, vestidos voluptuosos e rodados e uma rebuscada decoração do cabelo que inspiraram os vestidos de quadrilhas, em nosso país foram confeccionados com tecidos mais coloridos e chamativos, principalmente com chita.

Ao desenhar a base do corpo humano é pensado em um modelo na parte do busto (isto para damas e cavalheiros) que pode ser blusa ou vestido onde é definido o decote, a gola e mangas se houver. Em seguida, rabiscamos a parte da cintura para definir saia e / ou calça, por último os calçados e arranjo de cabeça para damas e o chapéu estilizado para os cavalheiros.

Ao rascunhar em um papel a saia de quadrilha, por exemplo, “é preciso se focar na base da cintura, quadril e bainha e depois incorporar os detalhes de construção” como nos referenda Abling e Maggio (2014, p. 38). Para criar a saia é rascunhado o córs, então risca-se a linha do lápis para as laterais, a fim de adicionar mais volume logo abaixo da cintura onde o tecido é franzido, e começam as dobras da saia no formato godê, em um tamanho acima dos joelhos.

Feito esta parte, é desenhada a anágua de quadrilha, peça responsável pelo volume do saiote, veste-se por baixo da saia onde são evidentes os franzidos ou dobras, sua funcionalidade consiste no balançar da saia com as mãos. Para rascunhar a anágua é necessário fazer somente linhas curvadas bem próximas, logo após a bainha da saia. Na borda

¹¹ Um dos elementos marcantes do figurino do balé, surgiu no século XIX, bem depois do que se costuma considerar o início da dança clássica, tutu longo de musselina ou tule. (BOGÉA, 2007, p. 73)

da anágua geralmente é desenhado o viés ou rendas, que são os detalhes colaboradores na estética da saia.

Após esse primeiro momento de definição do traje a lápis, é feito o trabalho de contorno: a fixação com a caneta artística de nanquim. Este trabalho de contorno do desenho pode ser feito com as canetas de nanquim coloridas ou somente preta, geralmente são utilizadas as canetas coloridas para o contorno de detalhes do traje, visto que “o desenho envolve, entre outras coisas, a definição das formas por meio de seu contorno” (HAZEL, 1994, p. 40).

A próxima etapa é a definição de cores que exige bastante pesquisa e cautela, pois este é um dos elementos mais demorados de elaboração de um traje, porque é necessário colorir as partes maiores como os detalhes de renda, passamanaria ou bordados. O acabamento se faz com o jogo de sombra no corpo vestido com o lápis de cor pele. Assim, finaliza-se o croqui com minha assinatura e data como criadora deste traje.

O momento final de desenhar é provido de detalhes mais que necessários para o entendimento de quem o visualizar, não basta apenas desenhar, é preciso descrever cada detalhe de material e efeito que compõe o traje. Neste caso são rabiscadas setas em direção de rendas, bordados, arranjo de cabeça, franzidos, dobrados e outros elementos desenhados para descrevê-los ao lado a lápis. Assim identifica-se claramente o desenho como um todo e seus detalhes descritos ao lado, caso houver dúvida da equipe da quadrilha mirim.

Após a finalização, o desenho é fotografado e guardado nos arquivos de trabalhos, além de estabelecer-se como memória de criação, já que o desenho original é dirigido para os diretores da Quadrilha Mirim Roceiros da Colônia: Lena Vânia e Claudio Nunes.

3. PROCESSOS DE CRIAÇÃO DA QUADRILHA ROCEIROS DA COLÔNIA

3.1 Temas da quadrilha com seus respectivos trajes

3.1.1 Essências do Pará (ano de 2007)

Em seu primeiro ano de estréia, 2007, a quadrilha Roceiros da Colônia trouxe este tema onde somente o traje da miss simpatia foi elaborado por mim pesquisadora. A miss que vestiu este traje foi Carolayne Silva, filha mais nova dos fundadores da quadrilha, que na época estava com oito anos de idade. A representação deste traje consistiu sobre a essência do patchouli, em modelo de blusa e saia de cor amarelo adornada de cuias¹² pequenas e patchouli.

Figura 1 - Traje da misse simpatia



Fonte: arquivo pessoal da quadrilha, 2019

Max Jhonny foi o idealizador deste traje, de maneira que, sentado ao meu lado detalhou –me este modelo, a blusa de gola alta com uma pequena abertura em forma de gota que compunha o decote com muitos folhos de renda, as mangas volumosas se ligavam a gola da blusa através de um tecido ou fita a qual desenhava os ombros da miss. A saia em seu formato simples, com muitos folhos de renda também, meias e luvas de croché acrescentaram beleza e estilo ao traje.

¹² Vasilha feita com o fruto da *Crescentia cujete*, Lin., partido ao meio. Cada banda tem o nome de cuia. É usado como prato e copo no sertão. São famosas as cuias negras, ornamentadas artisticamente, vendidas em Santarém, no Pará. (CASCUDO, 1998, p.326)

3.1.2 As maravilhas do Marajó (ano de 2008)

Nesta época não havia o contato direto entre Lena e eu pesquisadora, apenas em eventos juninos quando ainda era brincante e dançava, raramente encontrava Lena acompanhada de sua quadrilha. Neste período, Max Jhonny era uma espécie de intermediário que entregava à Lena os desenhos preparados por mim pesquisadora, a princípio idealizador dos modelos dos trajes da quadrilha a qual eu traduzia através do desenho.

Figura 2 - Traje da misse mulata a índia que se transformava em cobra



Fonte: arquivo pessoal da artista pesquisadora, 2019.

Os registros deste tema estão concentrados mais em fotos dos brincantes em apresentações, poucos desenhos foram encontrados em relação a este tema. Os trajes foram desenhados em modelos simples sobressaltando as cores vermelho e branco como principais, e em seus detalhes as cores verde e amarelo suave destacavam - se nas fitas, mangas, no arranjo de cabeça das damas e enfeite do chapéu dos cavalheiros e meias das damas.

Figura 3 - Foto dos trajes damas e cavalheiros



Fonte: arquivo pessoal da quadrilha, 2019.

Figura 4 - Traje do marcador



Fonte: arquivo pessoal da quadrilha, 2019.

O marcador Cláudio Leno, filho mais velho dos fundadores da quadrilha Roceiros da Colônia, vestiu um traje caracterizando a figura do Vaqueiro do Marajó¹³. As misses seguiram as seguintes representações: a miss mulata usou um traje representando uma índia que se transformava em cobra; a miss caipira trouxe em seu traje a personagem da boiadeira marajoara e a miss simpatia vestiu um traje de cabocla marajoara.

3.1.3 Todas as culturas em uma só festa (ano de 2010)

Tema proposto por mim pesquisadora com o propósito de evidenciar as manifestações e atividades culturais por meio da quadrilha, após reflexões sobre a desvalorização cultural em Marituba, por este motivo este tema foi pensado. Ainda neste ano a quadrilha participou do concurso de quadrilhas da Fundação Cultural do Município de Belém (FUMBEL), na categoria mirim e ganhou o título de primeiro lugar com estes trajes.

As damas e cavalheiros usaram trajes característicos do nosso carimbó, contrastando o tecido de cetim liso azul escuro com tecido estampado laranja em combinação com detalhes de folhos de renda e bordado, além de acessórios juninos e regionais que enriqueciam a roupa, chapéu e arranjo das damas apesar do modelo simples. O marcador vestiu um traje referente ao colorido do São João representado em seu chapéu de palha, no

¹³ Mestiços de índios e brancos que exercem função na vida do gado, dança que destaca-se por ser uma manifestação folclórica que revela características culturais da Ilha de Marajó (Disponível em: http://wikidança.net/wiki/index.php/Dan%A7a_do_vaqueiro), no Estado do Pará, apresentada somente por homens, retrata movimentações de gestos feitos pelos trabalhadores do campo no momento de cavalgar e laçar o boi. (AZEVEDO, 2011, p. 6)

blusão de retalhos coloridos, em seu colete desenhado, nas flores e bandeirinhas que coloriam a vestimenta.

A miss simpatia usou um modelo de tons azuis destacando as fitas coloridas representando o Boi Arraial do Pavulagem¹⁴. A miss mulata cheirosa vestiu um traje em representação à capoeira¹⁵, de cores branco e creme. Detalhes de cordões, pulseiras e aplicações de sementes enriqueceram bastante a vestimenta, além de utilizar um berimbau cênico em sua dança. A miss caipira utilizou um traje bem colorido ressaltando as cores rosa, azul e lilás, a qual representou as artes cênicas: dança, teatro, circo etc.

¹⁴ Em 1987, fizeram uma brincadeira na Praça da República com finalidade de divulgar a banda Arraial do Pavulagem e valorizar a música de raízes amazônicas. Os músicos da formação inicial da banda levavam aos domingos a alegoria o “Boizinho na Tala” e o bloco Batalhão da Estrela em um palco improvisado em frente ao Teatro Waldemar Henrique, na Praça da República, em Belém (PA). A princípio, o boi era chamado “Pavulagem do Teu Coração”, somente a partir de 1987 passou a ser chamado de “Arraial do Pavulagem. A mudança se deu pelo fato de se ter uma visão mais ampla do contexto cultural podendo, assim trazer um universo de elementos populares para o Arraial e não se limitar somente à cultura do boi-bumbá. (Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Arraial_do_Pavulagem).

¹⁵ Capoeira é um jogo atlético de origem negra, ou introduzido no Brasil pelos escravos bantos de Angola, defensivo e ofensivo, espalhado pelo território e tradicional no Recife, cidade do Salvador e Rio de Janeiro, onde são recordados os mestres, famosos pela agilidade e sucessos. [...] No Rio de Janeiro e Recife a capoeira é jogo de rua, arma de malandro, com uma nomenclatura especial para os golpes, especialmente numerosos quando atirados pelas pernas: raspas, rasteiras, tesoura, rabo-de-arraia. Há cabeçadas heróicas, e as mãos funcionam, em certos golpes, como no balão, que atira o inimigo por cima do ombro ou da cabeça (CASCUDO, 2018, p. 241).

Figura 5: Trajes do tema todas as culturas em uma só festa



Fonte: arquivos pessoais da artista pesquisadora, 2019.

3.1.4 Brincadeiras de São João Mínimo (ano de 2011)

Neste ano a proposta deste traje surgiu a partir das ideias dos fundadores Lena e Cláudio ao ensaiar a quadrilha, uma dança mais voltada às lembranças das brincadeiras de São João¹⁶, época que as minhas visitas à casa / sede dos fundadores se intensificaram com o objetivo de assistir aos ensaios que estimulariam a criação de trajes bem a caráter deste tema.

Devido à dança da quadrilha se relacionar às brincadeiras antigas do mês de São João, inclusive essas brincadeiras muito visíveis nos momentos teatrais da quadrilha, elaborei o traje das damas e cavalheiros em estilo jardineira, de cor laranja neon e azul claro, sobressaltando as bandeirinhas coloridas em torno da roupa e folhos de renda dourado, ideia relacionada a um modelo de roupa infantil, onde também relaciona-se com a criança interior de cada componente.

O marcador usou um traje colorido que lembrava um boneco por conta do volume das mangas e folhos da calça que a deixava bem solta nas pernas, pequenas estampas de retalhos e bandeirinhas distribuídas na roupa, o colete em detalhes de renda, o chapéu enfeitado e o lenço no pescoço somava elegância à vestimenta de tons azuis, laranja e dourado.

Os modelos de roupas das misses acompanhavam o mesmo estilo do modelo das damas, cavalheiros e marcador: mangas volumosas, com bandeirinhas coloridas distribuídas ao longo dos trajes detalhados de muitos folhos de fitas, rendas e bordados. De acordo com o tema e estes modelos, distribuí a representação das misses da seguinte forma: a miss mulata cheirosa foi a morena forrozeira, uma personagem caipira que gosta muito de dançar forró, a miss simpatia trouxe a brincadeira vem pular fogueira, resgatando uma das brincadeiras mais tradicionais do mês de São João e a miss caipira representou a menina namoradeira que só pensava em casar, trazendo a lembrança da música de Luís Gonzaga “ela só quer, só pensa em namorar” e do Santo Antônio casamenteiro e pelo mês de junho ser o mês dos namorados.

¹⁶ O São João é uma festa cristã comemorada com festas juninas no Brasil inteiro anualmente, no dia 24 de junho, data de nascimento de João Batista, o profeta que previu a chegada do Messias na pessoa de Jesus Cristo e também é o responsável pelo seu batismo. A comemoração é marcada por danças e pratos típicos que celebram o nascimento de São João Batista, conhecido como o “santo festeiro”. O dia de São João é um dos mais antigos festivais do Cristianismo, já aparecendo no concílio de Agde, em 506 d.C. O nascimento de João Batista ocorre três meses após a celebração da Anunciação, em 25 de março e seis meses antes do natal. (Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/o-dia-24-de-junho-e-o-nascimento-de-sao-joao>).

Figura 6 - Trajes do tema brincadeiras de São João Minino



Fonte: arquivos pessoais da artista pesquisadora, 2019.

3.1.5 Pará de ritmos e cores (ano de 2012)

A quadrilha mirim Roceiros da Colônia procura valorizar ao máximo nossa cultura paraense nos temas trazidos, sempre buscando ressaltar um conteúdo ainda não explorado, pois dessa forma torna-se novidade para o público espectador. Neste ano de 2012 o tema “Ritmos Paraenses” homenageou o Mestre Verequete, representado pelo marcador, trazendo nos trajes das damas e cavalheiros a vestimenta do carimbó, com tecido estampado acompanhado de detalhes coloridos de bandeirinhas, flores e fitas.

As misses trouxeram seus temas referentes aos nossos ritmos culturais definidos em: a miss mulata dançou o carimbó¹⁷, onde soltava um saião de carimbó de sua própria saia de quadrilha, a miss simpatia dançou o ritmo da guitarrada¹⁸ e a miss caipira trouxe a representação dos cordões de pássaros juninos¹⁹, adornada de muitas fitas coloridas nas luvas e arranjo de cabeça.

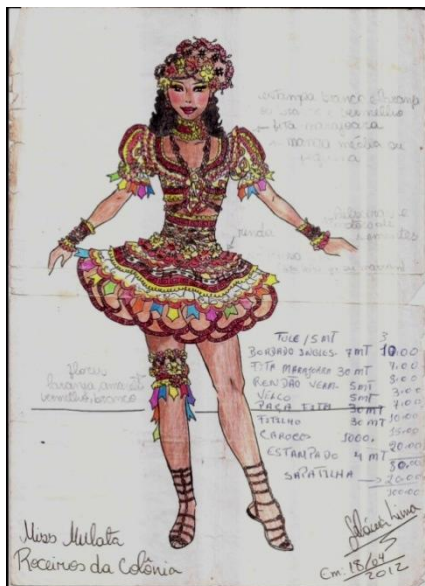
Todos os trajes desta temática foram pesquisados em referência à vestimenta do carimbó, buscando ressaltar também a modernidade nos modelos. Desta forma, adicionei no bustiê das damas e misses o nó na parte da frente e todas usaram um modelo de saia cintura alta. Os tecidos estampados são muito presentes no traje porque é característico da vestimenta do carimbó e as muitas flores para enfeitar, sempre enriquecem ainda mais os trajes.

¹⁷ Atabaque, tambor, de origem africana. Dança negra, brasileira, de roda, em Marajó, arredores de Belém do Pará. Num círculo de homens e mulheres, uma dançarina, às vezes ou comumente, vestida de baiana, vai para o centro, e baila, trejeitando, requebrando-se com o acompanhamento da percussão (o carimbó, pandeiros, reco-reco e, ocasionalmente, instrumentos de corda). (CASCUDO, 2018, p. 245)

¹⁸ Guitarrada é um gênero musical instrumental brasileiro surgido no estado do Pará, oriundo da fusão do choro com o carimbó, cumbia, merengue, mambo, bolero o movimento iê-iê-iê, entre outros. A guitarra elétrica é predominantemente a solista, mas existem diversas canções, geralmente baladas de amor ao estilo brega. Também é chamada de lambada instrumental. Mestre Vieira é o criador do gênero. (Disponível em: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Guitarrada>).

¹⁹ Brincadeira teatral e musicada, que ocorre principalmente no período das festas juninas. Nelas são encenadas histórias que tratam de diversos temas, de disputas familiares a narrativas amorosas, através de personagens como matutos, nobres e índios. Os Cordões de Pássaros Juninos são divididos em dois grupos denominados de ‘Pássaro Beija-flor’ e ‘Pássaro Tucano’. (Disponível em: <https://www.visiteobrasil.com.br/sudeste/para/folclore/conheca/cordoes-e-passaros-juninos>)

Figura 7 - Trajes do tema Pará de ritmos e cores



Fonte: arquivos pessoais da artista pesquisadora, 2019.

3.1.6 Maracatu (ano de 2015)

Na última temática trabalhada na quadrilha Roceiros da Colônia buscamos um assunto um pouco mais afastado em relação aos temas que a quadrilha costumava trazer, aproveitando a oportunidade de estar cursando a universidade onde havia estudado o tema. Assim, decidimos nos aventurar na temática do Maracatu, ritmo e dança tradicional do nordeste do Brasil, nas cidades de Recife e Olinda, no coração do estado de Pernambuco.

Os trajes correspondem fielmente às vestimentas características da manifestação do Maracatu. Damas e cavalheiros utilizaram os modelos definidos nas cores verde e estampado colorido para a visualização do contraste, nas cabeças das damas um arranjo estilo turbante enfeitado de muitas flores e pedrarias, no chapéu dos cavalheiros o mesmo seguimento, incluindo uma pluma no topo do chapéu em referência às roupas de época de reis e rainhas.

O marcador utilizou um traje representando o caboclo de lança²⁰, em um formato mais junino e carregava consigo a lança repleta de fitas coloridas, chapéu de palha ornado de fitas multicoloridas de papel celofane em tamanhos menores, proporcionais ao tamanho do adolescente, usava óculos escuros e cravo branco na boca, a calça com elásticos nas pernas e meião estilo de goleiro. Assim, buscamos ao máximo a fidelidade ao traje do caboclo de lança pela simbologia dos detalhes.

A miss mulata vestiu o traje de rainha, de cor vermelho, utilizou uma espada cênica em sua coreografia; a miss simpatia trouxe, em sua vestimenta de tons verde, branca e prata, a representação da Dama de Paço, utilizando a boneca calunga em sua coreografia; e a miss caipira trazia em seu traje a representação do Maracatu rural ou de baque solto. Portanto, como este faz referência ao caboclo de lança, a miss dançava com a lança de fitas do marcador.

²⁰ O caboclo de lança é personagem do Maracatu Rural ou de Baque solto – também conhecido como Maracatu de Orquestra, na sua maioria são trabalhadores das lavouras de cana de açúcar. Sua roupa é composta de: chapéu, lenço, rosto (face pintada com tinta vermelha, geralmente urucum), calça fofa com franja, meião, surrão (armação dos chocalhos), sapatos, lança, óculos escuros e cravo branco na boca. A dança dos caboclos de lança possui coreografia de ritual frenético, eles correm de um lado para o outro, agitam suas lanças e executam manobras chamadas de “caídas”. (Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=545&Itemid=1).

Figura 8 - Trajes do tema maracatu

3.2 A importância dos croquis para os fundadores da quadrilha

O desenho foi o grande motivo que me fez conhecer Lena Vânia e, conseqüentemente, tomar conhecimento da quadrilha mirim Roceiros da Colônia. Como citado na subseção 2.2, Lena chegou até mim através de seu sobrinho e brincante Max Jhonny, na ocasião em que Max mudou de estado. Devido a este acontecimento, é notável que Lena sempre se mostrou atenciosa com os trajes de sua quadrilha e na ausência de seu sobrinho veio a minha procura.

Portanto, as palavras do casal fundadores da quadrilha Roceiros da Colônia são importantes e indispensáveis nesta pesquisa sobre trajes, porque é no espaço / sede destes que é mostrada a trajetória de vida, que é a mesma da quadrilha. É de grande relevância o que dizem, sentem a respeito do trabalho de elaboração de croquis durante alguns anos para os mesmos:

Em depoimento Lena Vânia diz que:

Lena Vânia: *“O trabalho de um grupo de quadrilha não é fácil, as ideias vai surgindo como um quebra cabeça vamos juntando, passo por passo e vem o tão esperado momento do traje dos pares da quadrilha e os traje das misse, que tem que ser igual com o tema. É muito importante a equipe trabalhar juntos para formar um resultado bom para a quadrilha”.*

Em seguida o Sr Cláudio comenta que:

Sr Cláudio: *“Quando eu montei a quadrilha Roceiros da Colônia em 2007 foi muito difícil porque os brincantes não tinha condições de pagar as suas roupas e a gente não tinha como pagar estilistas pra desenhar um modelo de roupas pra quadrilha, foi quando uma amiga de minha filha, a Flávia de Lima, que era estilista desenhou a roupa de misse simpatia da brincante Carolayne e daí pra frente ela começou a desenhar pra quadrilha, onde começamos nos apresentar em toda Marituba e outros municípios. Ela desenhava os trajes e com costureira certa, mais fácil, foi apresentações em 2010 veio o que a gente esperava, o concurso de quadrilhas mirins da FUMBEL, onde fomos campeão em primeiro lugar, tiramos dez em todos os requisitos, dez em trajes, dez em coreografia, dez em conjunto e dez em marcação. A importância da estilista foi fundamental para o nosso sucesso, muito obrigado estilista Flávia”.*

Assim, de acordo com os depoimentos dos fundadores confirmamos a ideia de que o trabalho da quadrilha se realiza de forma coletiva em circunstância dos trajes, o último elemento mais esperado pela equipe. Ainda que a função do desenhista seja bem particular, acontece o aprendizado de ambos na visualização dos desenhos de trajes em relação ao material adequado e cores, desta forma os fundadores compreendem o ritmo de meu trabalho, da mesma forma que eu pesquisadora compreendo as necessidades e exigências no momento de visualização dos mesmos.

4. O PROCESSO DOS TRAJES LENDAS AMAZÔNICAS

4.1 O tema nos detalhes

Ao olhar os croquis e fotos dos brincantes da quadrilha, relembro uma época de intensa criação e o quanto o resultado desta obra como um todo me deixou bastante satisfeita. Compartilho a ideia de que “o imaginário do artista é composto de suas imagens internas, imbuídas de sua afetividade e história de vida” (LOBO; NAVAS, 2003, p.185), assim como estas memórias marcaram minha vida.

O tema “Lendas Amazônicas foi pensado no ano de 2014, a partir de reflexões sobre os temas anteriores apresentados por quadrilhas adultas e mirins do município de Marituba e temas da própria quadrilha já apresentados, de modo que não sobressaltavam muito os temas regionais especificamente nesta época. Escolhi este tema para a quadrilha junina Roceiros da Colônia em busca de trazê-la em uma nova roupagem, em termos de trajes e coreografia das misses. Considerei um desafio para mim mesma criar os trajes deste tema, após apresentar a proposta para os fundadores da quadrilha, e ser aprovada.

Os trajes das damas e cavalheiros eram de cores bem predominantes em tecidos verde claro e estampado azul, e relacionados à lembrança dos rios, matas, céus amazônicos, e aos ribeirinhos, devido as formas dos modelos em combinação com uma sandália rasteirinha de couro para caracterizar mais o traje em referência ao tema.

O modelo da vestimenta dos cavalheiros era composto por uma blusa com mangas compridas em formato boca de sino²¹ e um bermudão fechado de elástico próximo do joelho, remetendo também à lembrança do pescador. O modelo de vestimenta das damas era composto por uma blusa pequena adornada de flores coloridas e pequenos folhos em escala de cores em degradê, mangas vazadas e finalizadas com folhos grandes para combinar com a blusa do cavalheiro.

A saia das damas trazia o mesmo contraste em combinação com anágua dourada, além do shortinho estampado com a barra de bordado verde. O acessório na perna, assim como pulseiras de sementes nos pulsos colaboraram bastante para enriquecer ainda mais o traje, acompanhando o mesmo padrão de estrutura e cores com os bordados, flores e elástico.

²¹Abertura em forma de sino, mais larga em uma das extremidades. (Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/boca-de-sino>).

Os dois trajes combinavam nas cores e materiais compostos de folhos de bordados em tons verde, azul e branco. Detalhes adicionados com flores coloridas de E.V.A, pedrarias, arabescos e pequenas cuias enriqueceram bastante as vestimentas. O chapéu dos cavalheiros e arranjo de cabeça das damas seguiam o mesmo padrão de cores e enfeites

O traje do marcador foi pensado no personagem do boto²², definido na cor branco. Os detalhes de folhos de bordados, arabescos, flores e fitas com bordado marajoara. O chapéu forrado com tecido de malha branca acompanhado de um elemento representativo, o formato da cauda do boto ao lado. O modelo da calça pescador e a blusa de formato moderno com detalhes de franjas de rede combinava com uma sandália de couro em referência ao personagem das águas do rio e sua forma humana, segundo a lenda, o moço de branco que aparece nas noites de festa a fim de encantar as moças.

As misses vestiram outros personagens de nossas lendas amazônicas: para a misse caipira, foi idealizado um modelo de traje de Iara²³, em tons de azul e verde água, adornados de grupos de flores coloridas, enfatizando a lendária Iara em paisagens naturais, onde as matas e águas dos rios são bem predominantes. Os detalhes de acabamento se definiam nos arabescos cercados na saia, bustiê, calçado, arranjo de cabeça e acessório das pernas, muitas pedrarias em volta do traje e bastante flores.

A misse simpatia vestiu um traje de vitória-régia²⁴ nas cores verde e rosa, o modelo do busto tomara-que-caia com alças de flores transpassadas de um lado do decote para o outro lado do ombro finalizado nas costas. A saia trazia em seu formato no centro a figura da flor, com anágua em cor de rosa, o acessório na perna somente em um lado e muitas flores rosa, e pedrarias do mesmo tom de cores enriqueciam o traje.

A misse mulata vestiu o traje de uirapuru, de cores laranja e amarelo, repleto de muitas plumas representando ao máximo o pássaro encantado. Os detalhes desta obra estão

²² O boto é o golfinho do Amazonas, boto vermelho, boto branco, piraia-guará, ou pira-iauara, peixe cachorro, cetáceo fluvial de citação indispensável no folclore do Pará. O boto seduz as moças ribeirinhas aos principais afluentes do rio Amazonas e é o pai de todos os filhos de responsabilidade desconhecida. Nas primeiras horas da noite transforma-se num bonito rapaz, alto, branco, forte, grande dançador e bebedor e aparece nos bailes, namora, conversa, frequenta reuniões e comparece fielmente aos encontros femininos. Antes da madrugada pula para água e volta a ser boto. (CASCUDO, 2018, p. 181).

²³ Iara é o nome convencional e literário da mãe-d'água, ig, água, iara, senhor. (CASCUDO, 2018, p. 447).

²⁴ A Vitória-régia é uma das mais lindas plantas aquáticas do mundo, bastante resistente e pode aguentar um peso de 45 quilos e parece uma bandeja. De cor verde na parte virada para cima e interna e purpúrea na sua borda externa e parte inferior, tema de uma das lendas mais populares da Amazônia. Uma jovem índia chamada Naiá que ficava por longas horas, às margens do rio Amazonas admirando a beleza da lua branca e o mistério das estrelas sonhando um dia ser uma delas. Naiá ao ver a lua refletida no rio mergulhou nas profundezas das águas desaparecendo para sempre. A lua sentindo pena daquela jovem vida perdida, transformou a índia em uma flor gigante – a Vitória-régia. (Disponível em: <http://www.amazoniadeaaz.com.br/cidades/lenda-da-vitoria-regia>).

disponibilizados na última subseção desta pesquisa (4.3), e mostra o processo de construção deste personagem para a misse mulata, exemplificando assim o processo das outras misses.

Em cada uma dessas temáticas trabalhadas na quadrilha, é revelado um universo de informações organizadas e distribuídas nos trajes, nas danças, diálogo do marcador e cantorias do grupo. O aprendizado e experiência acontece de todos lados, para quem faz a quadrilha e para quem a assiste, e os anos de minha experiência de trabalho com trajes juninos se encontram na quadrilha Roceiros da Colônia.

Desenhos de trajes Lendas Amazônicas

Figura 9 - Trajes do tema lendas amazônicas



Fonte: arquivos pessoais da artista pesquisadora, 2019.

4.2 O traje da misse mulata (entrevista)

É comum em alguns anos as misses da quadrilha Roceiros da Colônia ser coreografadas por mim pesquisadora, entretanto, no ano de 2014 devido às muitas tarefas para cumprir Fernando Nunes entrou como coreógrafo colaborador na quadrilha, aceitou construir as danças das misses simpatia e caipira, enquanto me responsabilizei na construção da dança da miss mulata. A escolha de coreografar a miss mulata se deu talvez pela intimidade/familiaridade/ encantamento com a pesquisa do personagem uirapuru, as cores da vestimenta por vezes me chamavam muito a atenção.

No ano de 2014, a misse mulata da quadrilha Roceiros da Colônia trouxe um tema acredito pouco explorado por outras misses, no município de Marituba, o tema do Uirapuru, escolhido em referência à temática “Lendas Amazônicas”, anteriormente já pensado para uma miss mulata representá-lo, antes mesmo de propor o tema para a quadrilha.

A misse representante do Uirapuru foi Carolayne Silva²⁵, filha mais nova dos fundadores Lena e Cláudio. Na época, a brincante estava com quinze anos de idade e dançava na quadrilha dos pais desde criança. Por esta experiência adquirida de dançar quadrilha e ser miss, Carolayne tem facilidade de memorizar e aprender rapidamente as coreografias propostas para ela. Desde sua infância ocupou cargos de miss caipira e mulata e simpatia por dançar bem quadrilha roceira e não ser acanhada em dançar solo, visto que não são todas as brincantes do grupo que possuem vontade e predisposição para ser uma miss. Neste sentido “toda pessoa possui um repertório de impressões sensitivas registradas e guardadas, que se encontra à disposição para novas experiências e transformações” (SICUPIRA; VIOL; MENDES; MARA, 2009, p. 80).

Ao ser decidido a misse mulata da quadrilha, o desenho do traje já estava em andamento, era idealizado a partir do pássaro uirapuru, com cores predominantes amarelo e laranja, em seus detalhes de branco e preto. As plumas deram um toque mais significativo do pássaro, adicionadas no arranjo de cabeça, no busto, mangas, luvas, na saia e sandália, detalhes que se unem com as rendas, bordados e aplicações, materiais indispensáveis que compõe um traje junino.

²⁵Auxiliar administrativa, estudante universitária de enfermagem da UNIPLAN

A saia mostra um degradê de cores laranja, amarelo e detalhes de branco, além das inúmeras plumas na lateral, adornadas de flores e alguns arabescos. Assim, em sua outra metade, são visíveis as filas horizontais dos bordados. A anágua acompanha os tons da saia, com a barra de viés preto. Esta, por sua vez, é a saia de tule, responsável pelo volume, sobre a qual a saia enfeitada é vestida.

O bustiê trouxe a mesma ideia da saia com flores transpassadas na frente, dividindo um lado de plumas e o outro lado com bordados, algumas plumas na vertical e flores alinhadas ao transpassado. Cordões de pedrarias completam a parte do busto e logo abaixo do bojo, finalizadas nas costas do bustiê para compor o caimento iniciado do pescoço ao abdômen, tudo pensado para evidenciar o pássaro em suas cores e formas.

Figura 10 - O traje da misse mulata



Fonte: arquivos pessoais da quadrilha, 2019.

A sandália da miss exibida, em sua estrutura fechada no colo dos pés, os dedos a mostra, em tom amarelo com aplicações de flores de cor laranja e obviamente as plumas, além do acessório da perna em combinação com os mesmos materiais, devido à intenção de um olhar harmonioso do traje vestido na miss, ou seja, da cabeça aos pés, de maneira que pernas e tronco se encontrem equilibradamente enfeitadas. Esta observação se deu a partir do momento

em que participei de alguns concursos de quadrilha como jurada de traje, e este detalhe me chamou muito a atenção. Portanto, me serve de aprendizado em minhas criações de trajes juninos, no sentido de me atentar não somente para saia, busto e cabeça, mas também para as pernas e pés.

O arranjo de cabeça foi o único elemento do traje a ser construído diferentemente da ideia que estava no desenho, por conta de reconhecer não ser muito criativa nesta parte, então deixo os fundadores cientes de que poderão usar outro modelo de arranjo de cabeça se houver, mais criativo do qual eu proponho nos desenhos. O arranjo de cabeça da miss Carolayne foi construído por Fernando Nunes, professor de dança licenciado pela UFPA e quadrilheiro.

Nesta época, Fernando residia em minha casa e trocamos muitas ideias a respeito de quadrilha, inclusive o mesmo construía arranjos e participou como coreógrafo das misses caipira e simpatia neste ano. Fernando se propôs a construir o arranjo da miss mulata após analisar o croqui. Sabendo de sua vasta experiência, o deixei livre para criar o modelo do arranjo.

Segundo Fernando Nunes (20/04/2019), comenta sobre o arranjo confeccionado para a miss mulata:

"Como eu fiz esse arranjo? Bom, as ideias de se fazer um arranjo sempre surgem do nada, claro né, mas primeiramente eu penso no conforto que ele deve ter né. Por muito tempo as misses de quadrilha dançavam com arranjos enormes, desconfortáveis, pesados, então sempre pensando nisso o arranjo da Carolayne, do Uirapuru, eu pensei primeiro no conforto que ele deveria ter e na leveza também, apesar de ser o arranjo de um pássaro. É..A gente sempre pensa que uma miss deve se movimentar de forma leve e de forma natural mesmo que a roupa esteja pesada, mas o arranjo fica na cabeça, então por ele ficar lá especificamente, ele não deve ser motivo de dor e sofrimento né? Penso eu. Então como ele foi feito? Ele foi utilizado com a estrutura de ferro, leve, porque eu também costume não colocar tanto ferro no arranjo, eu costume colocar só duas voltas de ferro pra fazer a composição e eu comecei a colocar as penas, as sementes, é... eu também coloco sempre alguma coisa que tem na roupa que é bordado inglês, é... os detalhes pra cobrir também, as gregas pra cobrir, é... o formato do bico foi que ficou bem diferente porque ele era um bico geométrico, né, um bico geométrico que eu coloquei umas penas de pato pra cima e ficaram incríveis. Então o arranjo em si, ele é um arranjo bem interessante de se ver. Ah! Ele também tem flores e também tinha uma franja de pedras na frente. Então tu vai fazendo o trabalho manual, tudo de colagem, tudo com cola quente, tudo pensando na estética, no volume e deve estar volumetricamente equilibrado né, porque ele deve incorporar uma linha tênue entre a cabeça, o busto e a saia, devem estar completamente equilibrados e como é que eu posso te explicar isso de forma mais clara? Não dá pra fazer um arranjo gigante, uma saia pequena e um busto grande, fica desequilibrado. Então o arranjo deve estar devidamente equilibrado com o resto da roupa entendeu? Foi dessa forma que eu fiz o arranjo."

É importante ressaltar aqui a pesquisa feita sobre o Uirapuru, estória de um pássaro de cores predominante vermelho telha, amarelo e preto, dono de um canto incomparável e perfeito, protagonista de uma das muitas lendas indígenas, parte do folclore da região Norte do Brasil, mais especificamente da Amazônia. Segundo a lenda, um jovem guerreiro índio que apaixonou - se pela esposa do grande cacique. Por se tratar de um amor proibido não poderia se aproximar dela, então pediu a Deus Tupã que o transformasse em um pássaro.

O cacique se viu maravilhado com o canto daquele pássaro e passou a persegui-lo para aprisiona - lo, e se perdeu na floresta. Todas as noites o uirapuru canta para a sua amada com esperança de um dia ela descobrir o seu canto e saiba que ele é o jovem guerreiro. A partir da pesquisa desta lenda o modelo da roupa foi desenhado.

Figura 11 - Uirapuru



Fonte: <https://www.wikiaves.com.br/wiki/uirapuru-laranja> (21/04/2019)

Após ouvir alguns áudios do canto do uirapuru no aplicativo do youtube, percebi o quanto este som era forte e utilizei para iniciar a coreografia da miss, e sutilmente alterava para uma música instrumental indígena (inca). Dessa forma, estes dois sons foram editados em um programa de música e transformados em uma música com duração de dois minutos, tempo máximo exigido para a apresentação de dança das misses. Desta maneira se construiu a música da miss mulata, após ouvir várias outras músicas até chegar nesta escolha musical, a qual mostrou-se um diferencial em relação às outras músicas bastante comuns utilizadas entre as misses.

A coreografia também foi construída por mim pesquisadora e deu ênfase nas movimentações indígenas e relacionadas ao pássaro através de sequência de movimentos

fortes, explosivos e menos convencionais possíveis de passos e deslocamentos, ou seja, movimentos muito utilizados por outras misses concorrentes, de modo que aos olhos dos jurados dos concursos de quadrilha, a coreografia de Carolayne se diferenciava ao máximo em termos de traje, música e obra como um todo, esse era o objetivo a alcançar.

Assim, em cada ensaio, ao aprender cada passo, Carolayne aperfeiçoava e mostrava a sua essência na dança, tentando destacar as qualidades que toda miss junina deve exibir: Graciosidade, expressão corporal, desembaraço, criatividade e boa postura, pois ali contava uma história por meio dos movimentos de seu corpo. De acordo como Neves destaca sobre Klauss Vianna: “[...] O corpo é um texto que estamos capacitados a ler, ele está sempre expressando algo” (NEVES, 2008, p. 43).

Embora esta subseção se concentre exclusivamente sobre o traje da miss mulata é importante destacar o quanto esta construção foi mais além do que desenhar. Aqui revelo a pesquisa do traje em complementação com a maquiagem, seguindo o mesmo tom de amarelo do traje, a música e coreografia elaborada sobre o personagem do uirapuru, feito para Carolayne, no sentido de mostrar a construção de cada elemento em sua linguagem própria e como se completam no momento em que pouco a pouco se unem. Portanto, são bastidores importantes que contribuíram para a construção do traje da miss.

Ao fim destas construções, a miss mulata Carolayne ganhou o título de primeiro lugar no concurso municipal de Marituba Rastapé, no ano de 2014, como melhor coreografia. As sensações de vitória e gratidão tomaram conta de mim por todo um trabalho de pesquisa desenvolvido do traje à coreografia, executado com muito empenho pela miss, assim relembro as tardes diárias em que ensaiava sua dança. Compartilho do pensamento de Brikman quando afirma:

Cada pessoa é importantíssima, é preciso observar seu processo e ajudar seu desenvolvimento a partir dele. É mais valioso o próprio processo de desenvolvimento que o eventual resultado que se obtenha. Se o movimento se produz com liberdade, está bem colocado e se cuida e se respeita a capacidade de manifestação corporal, o processo se enriquece e o resultado será sempre valioso, porque não se trata de chegar a uma particular forma única, mas às formas mais enriquecidas possíveis. (BRIKMAN, 1989, p. 25).

As palavras de Carolayne (entrevista realizada em 20/04/2019) traduzem a percepção dela em relação ao traje do uirapuru, confeccionado exclusivamente para ela:

“Eu me senti muito privilegiada em ter um traje desenhado, pensado assim tudo pra mim, foi pensado já próprio pra mim, com minhas medidas, no meu tema que é o uirapuru, eu me senti muito privilegiada e muito apaixonada né, porque eu amo dançar quadrilha. Eu fiquei muito feliz quando vi o meu traje pronto, do jeitinho que tava no desenho e foi muito emocionante pra mim e principalmente ter ganhado o primeiro lugar com aquele traje e coreografia né, que é sua, a sua coreografia também foi essencial né, não só o traje mas a coreografia também. Então foi muito bom, muito privilegiante para mim, me senti muito honrada”.

Desta forma, potencializa-se através das descrições, imagens e palavras da miss o processo desta pesquisa que se iniciou na construção do desenho do traje, elaboração da música e construção de coreografia, confirmando esse valor do artista quadrilheiro diante de sua prática que exige responsabilidade e assiduidade nestes momentos preparativos para as apresentações da quadra junina.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa de campo investigou o processo dos trajes do tema Lendas Amazônicas da quadrilha mirim Roceiros da Colônia, através de descrições históricas do grupo, a qual se entrelaça com minha própria história de vida. Seguidamente, apresenta a análise dos desenhos de trajes juninos elaborados para a quadrilha, correspondendo respectivamente às reflexões das práticas da quadrilha junina em relação com o desenho, conteúdos esses estruturados em quatro sessões e divididos em subseções para melhor organização da exposição do tema.

Elaborar este trabalho acadêmico que explana sobre os desenhos preparados para a quadrilha junina Roceiros da Colônia, lócus desta pesquisa, é afirmar a necessidade de teorizá-la a partir do momento em que a percebi na disciplina manifestações espetaculares II, do curso de Licenciatura em Dança da UFPA. Bem como, é reconhecer o quanto ainda sou artista quadrilheira, embora não participe mais como dançarina brincante, mas na produção de quadrilha junina utilizando o desenho como instrumento de trabalho.

A presente pesquisa sobre os trajes da temática Lendas Amazônicas da quadrilha junina Roceiros da Colônia enfatiza muitas questões como a evolução do grupo em organizar temas e trajes, de forma a melhorar a cada ano. Sob o aspecto individual, houve o amadurecimento artístico por mim enquanto pesquisadora pelos trabalhos de croquis desenvolvidos para a quadrilha, visto que cada tema é um universo de conhecimentos e, por meio das apresentações de quadrilha e suas respectivas temáticas, é proporcionado também o conhecimento para o público que assiste.

Além destes pontos expostos, também traduz a relevância do traje para a manifestação junina como complemento necessário que dá vida ao personagem caipira, e do tema proposto, importantes na educação da dança, pois não seria possível visualizar esse personagem sem sua vestimenta apropriada. Tal processo mantém as mesmas exigências de um artista que se apresenta em um teatro, por exemplo, já que é importante que o artista não deixe cair nada dos adereços que complementam o seu figurino. Este exemplo se assemelha com a quadrilha junina, principalmente nas participações em concursos juninos, a quadrilha perde pontuações quando alguém ou mais pessoas do grupo deixam cair adereços no chão, devido à grande movimentação da dança.

Portanto, ao observar um figurino de teatro e um traje de quadrilha, é perceptível que o traje de quadrilha possui muitos detalhes de acabamento, além dos volumes de folhos, bordados variados e outros, e advém de estudos e pesquisas para ser construído como o figurino. Os calçados são feitos de materiais resistentes porque os espaços onde a quadrilha dança: ruas, praças, terreiros, quadras poliesportivas e outros, são vários tipos de solos que desgastam qualquer calçado comum em movimento. Diante destas observações, é evidente que o traje junino possui o mesmo valor do figurino teatral como pontua Azevedo (2011):

A indumentária possui o mesmo valor do figurino, enquanto elemento visual, e estabelece um elo essencial de significação entre o personagem interpretado pelos dançarinos e o contexto que ele representa, a partir de um conjunto de formas e cores que intervêm no espaço da apresentação (AZEVEDO, 2011, p. 10).

A quadrilha é um lugar de muitos aprendizados importantes, em sua maioria aprendizados empíricos transmitidos de geração para geração, como observamos na quadrilha Roceiros da Colônia em seu histórico e depoimentos dos quadrilheiros, que o fazem pelo puro prazer de viver a quadra junina, infelizmente desvalorizadas pelo poder político. Em Marituba, os patrocínios e destinação das verbas que são muito poucas por parte de vereadores e prefeitura para manterem as quadrilhas, são distribuídos bem no mês junho, quando todos os grupos juninos já enfrentaram dificuldades para por sua quadrilha na rua.

De acordo com tal contexto, esta pesquisa ganha espaço também para a crítica, na busca desse progresso e respeito às manifestações juninas, também se aplicando para o artista desenhista que muitas vezes se depara com as dificuldades e desvalorização de seu trabalho. Acreditamos que este estudo venha a ser uma contribuição para futuras pesquisas e transformações sociais para a valorização de nosso campo artístico.

Assim encerro esta pesquisa, acreditando que esta obra não se esgota por aqui, pois quanto mais esmiuçava os detalhes a escrever, mais conteúdo existia para explanar. No entanto, as escritas possíveis estão expostas aqui, as não possíveis serão desenvolvidas em outras futuras pesquisas em busca de novos questionamentos, compreensões, engrandecimento pessoal e acadêmico para a área artística.

REFERÊNCIAS

- ABLING, Bina; MAGGIO, Kathleen. **Moulage, modelagem e desenho (recurso eletrônico)**: prática integrada. Porto Alegre: Bookman, 2014
- ANDRADE, Simeir Santos. **O lúdico na vida e na escola**: desafios metodológicos. -1. Ed. – Curitiba: Appris, 2013.
- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed 2009.
- AZEVEDO, Maria Ana O. Seguindo a trilha dos vaqueiros: uma dança sempre presente. **Tucundumba – Arte e cultura em revista**, Universidade Federal do Pará, n.2, 2011.
- BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho (organizador). **Artes do corpo e do espetáculo**: questões de etnociologia. Salvador. P&A, 2007.
- BOGÉA, Inês. **Contos do balé**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- BREGOLATO, Roseli Aparecida. **Cultura corporal da dança**. São Paulo: Ícone, 2007. (Coleção educação física escolar: No princípio de totalidade e na concepção histórico-crítico-social: V. 1)
- BRIKMAN, Lola. **A linguagem do movimento corporal**. São Paulo, Summus, 1989.
- CASCUDO, Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10. Ed. São Paulo, Ediouro, 1998.
- HARRISON, Hazel. **Técnicas de desenho e pintura**. Herechin, RS, Edelbra, 1994.
- MUNIZ, Rosane. **Vestindo os nus**: o figurino em cena. Rio de Janeiro: Ed. SENAC Rio, 2004.
- LEAL, Eleonora. Contando o tempo: a quadrilha moderna dos anos 80. **Revista Ensaio Geral**, v. 3, n. 5, 2011.
- LOBO, Lenora; NAVAS, Cassia. **Teatro do movimento**: um método para um intérprete criador. Brasília: LGE, 2003.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- NEVES, Neide. **Klauss Vianna**: estudos para uma dramaturgia corporal. São Paulo: Cortez, 2008.
- SICUPIRA, Débora Arzua Tadra; VIOL, Rosimara; MENDES, Sabrina Ortolan; MARA, Scheila Maçaneiro. **Metologia do Ensino de Artes - Linguagem da Dança**. v. 2. Curitiba: Ibpx, 2009.
- SOUZA, Anderson Luíz de; FERRAZ, Wagner. **O trabalho do figurinista**: projeto, pesquisa e criação. Porto Alegre: INDEPIN, 2013.
- TEIXEIRA, Laís; CHAGAS, Eduardo. **Trajes juninos em Belém**: Adaptações Culturais e Processo Criativo. Trabalho apresentado na divisão Temática DT08 – Estudos

Interdisciplinares da comunicação, da Intercom Júnior – IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Manaus, 2013.

XIMENEZ, Sérgio. **Minidicionário Ediouro da Língua Portuguesa**. 2. ed. Reform. São Paulo: Ediouro, 2000.

REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS

ANGELOTTI, Christiane Araújo. **Folclore Brasileiro**: a lenda do Uirapuru. Disponível em: <http://www.qdivertido.com.br/verfolclore.php?codigo=18>. Acesso em: mai. 2019.

BOCA DE SINO. In: PRIBERAM Dicionário. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/boca-de-sino>. Acesso em: mai. 2019.

WIKIAVES. **Uirapuru-laranja**. Disponível em: <https://www.wikiaves.com.br/wiki/uirapuru-laranja>. Acesso em: mai. 2019.

WIKIPÉDIA. **Croquis**. Disponível em: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Croquis>. Acesso em: mai. 2019.

WIKIPÉDIA. **Espuma Vinílica Acetinada**. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/espuma_vin%C3%ADlica_acetinada. Acesso em: mai. 2019.

WIKIPÉDIA. **Traje**. Disponível em: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/traje>. Acesso em: mai. 2019.

WIKIPÉDIA. **Vaqueiro do Marajó**. Disponível em: http://wikidança.net/wiki/index.php/Dan%A7a_do_vaqueiro. Acesso em: jul. 2019.

WIKIPÉDIA. **Caboclo de Lança**. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=545&Itemid=1. Acesso em jul. 2019.

WIKIPÉDIA. **Vitória-régia**. Disponível em: <http://www.amazoniadeaaz.com.br/cidades/lenda-da-vitoria-regia>. Acesso em: jul. 2019

WIKIPÉDIA. **Boi Arraial do Pavulagem**. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Arraial_do_Pavulagem. Acesso em: jul. 2019

WIKIPÉDIA. **São João**. Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/o-dia-24-de-junho-e-o-nascimento-de-sao-joao>. Acesso em: jul. 2019.

WIKIPÉDIA. **Guitarrada**. Disponível em: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Guitarrada>. Acesso em: jul. 2019.

WIKIPÉDIA. **Cordões de Pássaros Juninos**. Disponível em: <https://www.visiteobrasil.com.br/sudeste/para/folclore/conheca/cordoes-e-passaros-juninos>. Acesso em: jul. 2019.

WIKIPÉDIA. **Brincante**. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/brincante>. Acesso em: jul. 2019.